

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO – BRASILEIRA – UNILAB
INSTITUTO DE LINGUAGENS E LITERATURAS – ILL**

**A RELAÇÃO ENTRE O LIVRO DIDÁTICO E A PRÁTICA DO DOCENTE DE
LÍNGUA PORTUGUESA: VARIAÇÃO E GRAMÁTICA.**

LUZIANA DA SILVA BERNARDO

REDENÇÃO

2020

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO – BRASILEIRA – UNILAB
INSTITUTO DE LINGUAGENS E LITERATURAS – ILL**

**A RELAÇÃO ENTRE O LIVRO DIDÁTICO E A PRÁTICA DO DOCENTE DE
LÍNGUA PORTUGUESA: VARIAÇÃO E GRAMÁTICA.**

Monografia submetida à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro – Brasileira – Unilab, como requisito final para obtenção do título de Licenciada em Letras – Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Juliana Geórgia Gonçalves de Araújo

REDENÇÃO

2020

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Bernardo, Luziana da Silva.

B444r

A relação entre o livro didático e a prática do docente de
Língua Portuguesa: variação e gramática / Luziana da Silva
Bernardo. - Redenção, 2020.
70f: il.

Monografia - Curso de Letras - Língua Portuguesa, Instituto de
Linguagens e Literaturas, Universidade da Integração Internacional
da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2020.

Orientadora: Profa. Dra. Juliana Geórgia Gonçalves de Araújo.

1. Livro didático. 2. Língua portuguesa - Estudo e ensino. 3.
Professores de português - Prática de ensino. I. Título

CE/UF/BSP

CDD 372.32

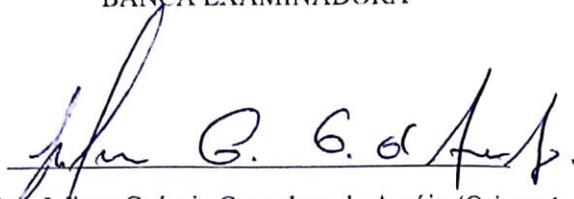
LUZIANA DA SILVA BERNARDO

**A RELAÇÃO ENTRE O LIVRO DIDÁTICO E A PRÁTICA DO DOCENTE DE
LÍNGUA PORTUGUESA: VARIAÇÃO E GRAMÁTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras-Língua Portuguesa da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito necessário para a obtenção do título de licenciado em Letras-Língua Portuguesa.

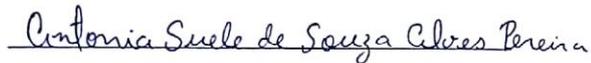
Aprovado em: 07/02/2020

BANCA EXAMINADORA



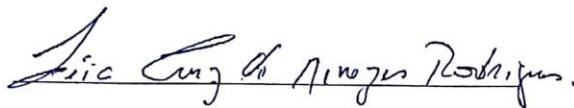
Prof. Dra. Juliana Geórgia Gonçalves de Araújo (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)



Prof. Dra. Antônia Suele de Souza Alves Pereira (Examinador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)



Prof. Dra. Léia Cruz de Menezes (Examinadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

À Deus, pela coragem e paciência durante todo este percurso, e a meus pais, Lourdes e Edmar, que, mesmo sem compreender bem o meu curso e o sonho de ser graduada, sempre me ajudaram como puderam.

AGRADECIMENTOS

À Deus, meu refúgio e rochedo de todas as horas, aquele no qual encontro paz, força e perseverança em meio a tantas dificuldades da vida.

À meus pais, Lourdes e Edmar, agricultores, semianalfabetos, a quem devo gratidão eterna, por terem me concedido a vida e a oportunidade de estudar. Meus maiores exemplos de humildade e honestidade.

À minha orientadora, Juliana, pela sua disponibilidade, incentivo, paciência e orientação para a organização de minhas ideias.

A minha irmã Edilene, que acompanhou todo meu processo de formação, meus momentos de estresse, cansaço e de determinação, e sempre esteve ao meu lado me fazendo sorrir.

A todos os professores do ensino fundamental e médio, que tanto me ensinaram no decorrer desta caminhada, especialmente os professores de Língua Portuguesa, Batista e Cristiane, por terem despertado em mim, direta ou indiretamente, a paixão pelas Letras.

A todos os professores do curso de Letras da Unilab, que tive a honra de conhecer em sala, por todos os ensinamentos e reflexões acerca do ensino de Língua Portuguesa, vocês foram essenciais para minha formação e construção deste trabalho.

A todos meus colegas de turma pelo carinho, em especial Eneylhe, Kairine, Solange e Halana, que presenciaram a superação de minha timidez, meu empenho e determinação para me tornar uma boa profissional. Adoro vocês, meninas.

À Unilab e a todos os envolvidos no seu projeto de criação, pois sua proposta e missão de interiorização do ensino superior me fez realizar meu maior sonho: ser professora. Gratidão. Que este ciclo se feche para dar início a outro. Eu não paro por aqui!

“Enquanto a língua é um rio caudaloso, longo e largo, que nunca se detém em seu curso, a gramática normativa é apenas um igapó, uma grande poça de água parada, um charco, um brejo, um terreno alagadiço, à margem da língua. Enquanto a água do rio/língua, por estar em movimento, se renova incessantemente, a água do igapó/gramática normativa envelhece e só se renovará quando vier a próxima cheia”.

(BAGNO, 1999. p. 10)

RESUMO

O documento, Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) surgiu no final da década 90, com intuito de orientar a nova fase da educação no Brasil, que passou a ser democrática, a partir do período de redemocratização do país (1975-1985), portanto, para todos e não somente para uma minoria privilegiada da sociedade, como até meados dos anos 50, segundo soares (2004). No entanto, duas décadas após a publicação desse documento, mesmo com ampla divulgação e reflexão de suas propostas em trabalhos diversos, ainda assim estas não parecem chegar às práticas de ensino como deveriam. O que predomina ainda nas escolas, de acordo com as discussões presentes em Antunes (2003) é um ensino pautado na prescrição de regras, descontextualizado, sem reflexão dos usos dos recursos que a língua dispõe, um ensino pautado no “certo” e “errado”. Um ensino desses, certamente é combustível para preconceitos tanto linguísticos quanto socioculturais. Nesse sentido este trabalho tem como objetivo geral discutir as relações entre livro didático, professor e ensino de Língua Portuguesa. A pesquisa apresenta uma abordagem qualitativa com métodos de cunho bibliográfico e de campo. O corpus da pesquisa foi composto por entrevistas e livros didáticos. Constatamos que os livros didáticos verificados não contribuem para a representatividade da identidade dos alunos, insistindo ainda na velha abordagem de que há na língua apenas uma variedade correta, a norma culta. Nesse sentido, o livro didático deve passar a representar as diversas variedades linguísticas, uma vez que há uma notável heterogeneidade linguística e sociocultural no país. Acreditamos que é necessário o professor ir além dos limites de qualquer livro didático e oferecer ao aluno oportunidades de explorar o riquíssimo terreno do português, visto de perto, junto ao contexto do texto, sem partilhar conceitos, rotular palavras e castrar o interesse do seu aluno.

Palavras chave: PCN. Livro didático. Professor. Variação linguística. Ensino de Língua portuguesa.

ABSTRACT

The document known as National Curricular Parameters (NCP) first came into use at the end of the 1990s, and was created with the aim of directing the new phase of Brazilian education, which had gradually been democratized during the country's period of redemocratization (1975-1985). From that point on, its goal has been to provide education for all and not just for a privileged social minority, as Soares tells us had been the case until the middle of the 1950s (2004). Two decades later, though the document has been widely disseminated and work in various fields reflects its influence, the teaching practices it proposes don't appear to have reached the classroom. What still predominates in schools, according to the discussions present in Antunes (2003), is a rule-bound, decontextualized form of teaching which fails to reflect the resources that the language can provide. Such a form of teaching is certain to fuel prejudices as linguistic as they are sociocultural. With these facts in mind, this work aims to discuss the relationship between the textbook, the teacher and the act of teaching Portuguese. The research that follows introduces a qualitative approach using bibliographic and field-based methods. The body of the research was drawn from interviews and textbooks. We determined that official textbooks do not contribute to the representation of students' identity, as they cling to the old approach that identifies only one variety of the language as correct: Standard Brazilian Portuguese. Given these facts, textbooks should shift to representing several variations of the standard dialect, as the country is host to remarkable linguistic and sociocultural heterogeneity. We believe that it is necessary for the professor to go beyond the limits of any textbook and offer students the chance to explore the endlessly rich terrain of Portuguese first-hand and in tandem with the text, without merely passing along concepts, labeling words, and vitiating the interest of the student.

Keywords: NPC. Textbook. Teacher. Linguistic Variation. Portuguese language instruction.

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Definição de língua e linguagem no livro 1.....	p. 19
Figura 2. Atividade de reflexão linguística.....	p. 20
Figura 3. Atividade de reflexão linguística.....	p. 20
Figura 4. Definição de variação linguística e variedade regional.....	p. 22
Figura 5. Definição de normas urbanas.....	p. 22
Figura 6. Atividade sobre variação linguística.....	p. 23
Figura 7. Atividade sobre variação linguística.....	p. 25
Figura 8. Atividade sobre variação linguística.....	p. 26
Figura 9. Definição e exemplos de variação situacional.....	p. 27
Figura 10. Definição de variação social.....	p. 28
Figura 11. Atividade sobre variação situacional.....	p. 28
Figura 12. Atividade sobre variação situacional.....	p. 28
Figura 13. Atividade sobre variação social.....	p. 29
Figura 14. Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP).....	P. 30
Figura 15. Atividade sobre variação histórica.....	p. 31
Figura 16. Atividade sobre variação histórica.....	p. 31
Figura 17. Definição de variação histórica.....	p. 31
Figura 18. Atividade sobre variação social.....	p. 32
Figura 19. Definição de gírias.....	p. 32
Figura 20. Atividade sobre variação regional.....	p. 33
Figura 21. Atividade sobre variação regional.....	p. 33
Figura 22. Considerações quanto a variação situacional.....	p. 34
Figura 23. Considerações quanto a variação situacional.....	p. 34

Figura 24. Definição de norma padrão.....	p. 35
Figura 25. Definição de norma padrão.....	p. 35
Figura 26. Atividade de reflexão linguística.....	p. 35
Figura 27. Atividade de reflexão linguística.....	p. 35
Figura 28. Atividade.....	p. 36
Figura 29. Considerações quanto as modalidades de fala e escrita.....	p. 36
Figura 30. Atividade de reflexão sobre a língua.....	p. 37
Figura 31. Atividade de reflexão sobre a língua.....	p. 37
Figura 32. Atividade de reflexão sobre a língua.....	p. 37
Figura 33. Atividade de reflexão sobre a língua.....	p. 38
Figura 34. Atividade de reflexão sobre a língua.....	p. 38
Figura 35. Atividade de reflexão sobre a língua.....	p. 38
Figura 36. Livro Didático Ensino Fundamental.....	p. 50
Figura 37. Livro Didático Ensino Médio.....	p. 50

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. JUSTIFICATIVA	4
3. O ENSINO DE GRAMÁTICA NAS ESCOLAS E A NORMA LINGUÍSTICA	5
4. VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E PRECONCEITO LINGUÍSTICO	8
5. METODOLOGIA	15
6. ANÁLISE DOS LIVROS DIDÁTICOS	17
6.1. Descrição geral - Livro I	17
6.1.1. Descrição geral- livro II	21
7. O TRATAMENTO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NOS LIVROS DIDÁTICOS	22
7.1. A variação Linguística no Livro I	22
7.1.1. A variação linguística no Livro II	29
8. ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS ENTREVISTAS	40
9. A RELAÇÃO ESTABELECIDADA ENTRE OS (AS) PROFESSORES (AS) E O LIVRO DIDÁTICO	43
10. CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
11. REFERÊNCIAS BIBLOGRÁFICAS	47
12. APÊNDICES	49
13. ANEXOS	50

1. INTRODUÇÃO

Soares (2004), ao citar estudo sobre a história da escola no Brasil, mostra que, até por volta dos anos 50, o ensino no Brasil era destinado apenas à população pertencente às camadas privilegiadas da sociedade, em outras palavras, a educação era para os mais ricos.

Com a redemocratização política, econômica e social do país (1975-1985), essa situação foi revertida. Nesse sentido, tudo deveria ser efetivado pelo viés da democracia, logo, o ensino não ficaria de fora. A educação, de acordo com Santos (2015), passou a ser um direito de todos e foi legitimada na constituição de 1988. Durante este período, muitos estudos na área da Linguística (ciência que já estava difundida no país) foram realizados, visando uma educação democrática e reflexiva, em contraposto ao sistema mecânico, conservador e restrito a poucos, vigente até então.

Nesse cenário de muitas reformas, surgiram os chamados Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), um documento que buscava orientar a nova fase da educação no Brasil, trazendo direcionamentos para as diversas áreas de ensino, uma vez que as escolas não estavam preparadas para tal mudança, já que sempre receberam um público que já chegava à escola com certo domínio da norma culta, devido a uma pré-alfabetização em casa, como ressalta Soares (2004). A escola precisaria então atender às novas exigências da sociedade e ser um espaço democrático, no qual, a diversidade linguística e social se fariam, teoricamente, presentes.

Entretanto, hoje, duas décadas após o surgimento dos PCN, com toda sua orientação didática a respeito do que e como se ensinar e da forte defesa de valorização das variedades linguísticas, encaradas pelo documento não como erro e desvio da língua, como dizem os gramáticos, mas, sim, como um fenômeno natural e existente em todas as línguas, além do amplo material bibliográfico, em decorrência das inúmeras investigações e reflexões de estudiosos da linguagem, durante todo esse período, ainda apesar dessa discussão, essa proposta não chega às práticas de ensino como deveriam.

Percebe-se que há um grande acúmulo de material bibliográfico voltado para análise de livro didático que mostra como a variação linguística e a gramática, por exemplo, são trabalhadas. No entanto, é preciso ir além, ou seja, é necessário trabalhar o livro didático como uma ferramenta que proporcione um ensino que respeite as variedades dos alunos e que traga, de fato, reflexão e não prescrição. Além disso, é preciso

verificar a atuação do professor, estabelecendo uma relação entre este e o livro didático, pois o livro é apenas uma ferramenta, e não o único material a ser seguido de forma dogmática, inquestionável. É neste sentido que este trabalho visa contribuir, isto é, discutir as relações entre livro didático, professor e ensino.

Observando o ensino de Língua Portuguesa, constata-se, segundo Ormezinda (2001, p. 141):

Aula de português tem sido sinônimo de aula de gramática. É comum ouvirmos de um aluno, não importa o grau, a série, a idade, o sexo ou outros fatores, que ele não gosta de português. Como não gosta de português se é a língua que ele fala cotidianamente, com a qual se comunica, ouve, lê e pensa? Na verdade, esse aluno não gosta é do modo como lhe é passado o conteúdo da matéria português, quase sempre através de regras, exercícios descontextualizados, de uma estrutura que ele só vê nos livros, nunca no seu dia-a-dia.

Um ensino desses, obviamente, não influi positivamente para a formação da cidadania dos alunos, muito pelo contrário, esses alunos concluem a educação básica com a ideia de que não sabem português, achando que a norma culta é a variedade “certa” da Língua.

Segundo Castilho (2017), não há formas ou construções intrinsecamente erradas, nem intrinsecamente certas, com exceção da grafia das palavras, que é a única matéria linguística sujeita a uma legislação explícita. Assim, o certo ou errado deriva apenas de uma contingência social, que é, como se discute nesse texto, que em todas as comunidades sempre se atribui a determinada classe um prestígio, uma ascendência sobre as demais classes que compõem essa comunidade.

O ensino que defende a relação certo x errado se torna tóxico, e contamina a todos da sociedade, gerando preconceitos, tanto sociais, quanto linguísticos. Diante desse contexto, elaboramos as seguintes questões de pesquisa: como utilizar a norma culta quando a realidade social dos alunos é diferente da classe social legitimadora da norma culta? Como apresentar o ensino da variedade culta, sem deixar que o aluno se sinta excluído em relação a sua variedade popular? Com o objetivo de discutir essas questões, elaboramos os seguintes objetivos:

1. Verificar como a variação linguística (especificamente a variedade regional) é abordada no livro didático e, de que forma, esta abordagem influencia a representatividade dos alunos.
2. Verificar como a gramática é trabalhada no material didático.
3. Observar qual a perspectiva teórica-metodológica adotada pelo professor (a) de Língua Portuguesa para trabalhar gramática e variação.
4. Identificar a relação estabelecida entre o livro didático e a prática do docente de Língua portuguesa.

Este trabalho visa, portanto, verificar como o livro didático aborda a variação linguística (com foco na variedade regional) e a gramática, bem como a relação entre este e a prática do professor de Língua Portuguesa, quanto a este ensino, buscando fazer um paralelo entre as orientações propostas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais e a efetiva prática de ensino.

O trabalho está dividido em 11 seções: I. Introdução; II. Breve justificativa; III. Discussão teórica, com dois capítulos – “o ensino de gramática nas escolas e a norma linguística” e “variação linguística e preconceito linguístico”; IV. Metodologia; V. Análise dos livros didáticos; VI. Análise e discussão das entrevistas; VII. A relação entre os (as) professores (as) e o livro didático; VIII. Considerações finais; IX. Referências bibliográficas; X. Apêndices e; XI. Anexos.

2. JUSTIFICATIVA

Segundo Antunes (2003) o que falta a escola em todos os seus níveis, inclusive na Universidade é conseguir considerar a linguagem em funcionamento.

De fato, esta tarefa tem sido desafiadora para as escolas, pois falar de Língua Portuguesa ainda tem sido, basicamente o mesmo que falar de gramática, ambas são tidas como uma coisa só, sendo que, “a gramática normativa é a tentativa de descrever a língua” (BAGNO, 1998, p. 9). Consequência dessa forma de pensar é um ensino descontextualizado, carente de exemplos de usos reais e efetivos da língua, que deixa o aluno sem saber para que servem os elementos da língua, e este, obviamente deveria ser o objetivo maior. Consequentemente, esse ensino acaba por corroborar para a prática de preconceitos contra a língua, já que o aluno não é levado a refletir e valorizar os usos das variedades não-padrão da língua, sendo esta discriminação também o reflexo dos conflitos existentes no interior da sociedade, de acordo com os PCN (BRASIL, 1998, p. 82).

É preciso portanto, buscar a efetivação do ensino orientado pelos PCN (BRASIL, 1998), reflexivo, no qual o aluno possa de fato compreender a função dos elementos linguísticos, saber adaptar sua fala as diversas situações comunicativas e, evidentemente, aprender sobre cidadania, perceber-se enquanto sujeito ativo em sociedade, que sabe de seus direitos e deveres. Este certamente é um bom passo para a luta e combate de preconceitos. É nesse sentido que, o estudo da variação linguística se torna tão relevante e indispensável na prática escolar.

Nesse sentido, é preciso que a escola e os profissionais da educação busquem a concretização de um ensino que valorize e represente a identidade dos alunos, sem desprezar, diminuir ou desconsiderar a maneira deles se expressarem, ajudando-os a compreender que todas variedades na língua tem seu grau de complexidade e valor. Pensando nisso, este trabalho tem como foco primordial verificar como é abordada a variação regional no livro didático, observando se este contribui para a representatividade do aluno.

Diante desse cenário, este trabalho visa contribuir para que as atuais práticas de ensino de gramática e variação linguística sejam revistas, principalmente no que diz respeito ao tratamento que se dá a ambas no livro didático.

3. O ENSINO DE GRAMÁTICA NAS ESCOLAS E A NORMA LINGUÍSTICA

De acordo com Antunes (2003, p. 21-23), “É possível documentar, atualmente uma série de ações que as instituições governamentais, em todos seus níveis, têm empreendido a favor de uma escola mais formadora e eficiente”. A autora cita os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais), SAEB (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica) e PNLD (Plano Nacional do Livro Didático). Sobre estas ações, ela destaca as seguintes contribuições, respectivamente:

Em relação aos PCN, não se pode deixar de reconhecer que as concepções teóricas subjacentes ao documento já privilegiam a dimensão interacional e discursiva da língua e definem o domínio dessa língua como uma das condições para a plena participação do indivíduo em seu meio social (cf. p. 19). Além disso, estabelecem que os conteúdos de língua portuguesa devem se articular em torno de dois grandes eixos: o do uso da língua oral e escrita e o da reflexão acerca desses usos. Nenhuma atenção é concebida aos conteúdos gramaticais, na forma e na sequência tradicional das classes de palavras, tal como aparecia nos programas de ensino de antes.

Em relação ao SAEB, a orientação não é diferente: os pontos – chamados de descritores – que constituem as matrizes de referência para a elaboração das questões das provas – contemplam explicitamente um conjunto de habilidades e competências em compreensão e nada de definições ou classificações gramaticais.

Vale referir também o trabalho que é realizado pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) que, pelo menos em relação a língua portuguesa, tem oferecido ótimas pistas para a produção dos manuais de ensino.

Como Antunes (2003) ressalta, tem-se hoje muitas propostas para um ensino mais eficaz, porém, ainda assim, estas parecem não chegar à sala de aula. Certamente são muitos os fatores que influenciam este fato, aos quais não iremos nos deter nesse trabalho.

Ainda segundo Antunes (2003), o ensino de gramática que continua tendo primazia nas escolas é, portanto, aquele que dá mais importância a nomenclaturas, identificação dos elementos linguísticos e conseqüente memorização. De acordo com Faraco (2003), as abordagens mais tradicionais de ensino de gramática tendem a reduzir a linguagem ora a um conjunto de regras (a uma gramática); ora a um monumento (a um conjunto de expressões ditas corretas); ora a um mero instrumento de comunicação e

expressão (a uma ferramenta bem-acabada que os falantes usam em certas circunstâncias).

Na prática escolar, é comum confundir o ensino da língua portuguesa com regras gramaticais. De forma equivocada, as atividades de língua portuguesa se limitam a regras, conceitos e rígidas construções automatizadas. Nesse caso, o professor não busca ou explora o que poderia fugir do tradicional e confrontar-se com as exceções e, quando “foge” do tradicional, é repreendido pelas instâncias superiores escolares e acusado de “não ensinar língua portuguesa”, “enrolar aulas”, “fugir do conteúdo”.etc. Então o professor se encontra em um dilema: ensinar ou não a gramática, eis a questão?

Esse dilema se desfaz quando o professor e a escola compreendem que não basta simplesmente passar adiante modelos tradicionais e inflexíveis, sem mostrar ao aluno como sua língua funciona no corpo vivo das manifestações da linguagem. Ao ensinar gramática, o professor deve orientar seu trabalho tanto para as regras da língua, sem ignorar a gramática tradicional, quanto para a linguagem, ou seja, para a vida prática e real das palavras nas mais variadas feições.

O educador deve mostrar aos seus alunos que é importante saber utilizar a norma culta padrão, ao mesmo tempo em que mostra que o português apresenta variadas facetas e que não existe a noção de certo *versus* errado, mas contextos comunicativos que irão selecionar a variação adequada do uso da língua.

O que ocorre muitas vezes – e nesse ponto estamos nos aproximando da questão principal desta pesquisa – é vermos um professor desprezar o uso prático da língua, a variação linguística do aluno, manifestando uma espécie de preconceito linguístico. Para tanto, ao lidar com variação linguística em sala de aula, a escola acaba por transformar as atividades em meros pretextos, cujo propósito principal seria dispor de “partes” para uma análise deslocada e descontextualizada gramaticalmente, cujo objetivo é “passar” da norma popular para a culta, na perspectiva do errado para o certo.

Esse tipo de ensino ainda acontece, pelo fato de que, na sociedade de forma geral, prevalece a noção de que língua diz respeito “às formas de expressão observadas e produzidas por pessoas cultas, de prestígio”, como diz Possenti (1996, p. 64), portanto “esta modalidade” e a gramática acabam por representar a própria língua.

Bechara (2002) enfatiza que a grande missão do professor de língua materna é transformar seu aluno num poliglota dentro de sua própria língua, possibilitando-lhe escolher a língua funcional adequada a cada momento de criação. Em segundo lugar, levar à conscientização de que a variação padrão desfruta de certo valor e prestígio social. O que implica dizer que falar uma variedade ou outra provoca efeitos diferentes de sentido sobre os interlocutores: cumplicidade, admiração, exclusão. Isso porque o valor social das variedades linguísticas não é o mesmo.

O ensino da língua padrão concede ao indivíduo a possibilidade de escolha em empregar a variação linguística que mais lhe convém à expressão consoante a interação comunicativa, logo, este ensino deve resultar de um ato de liberdade, não de opressão, com relação à língua. Para Bechara (2002,), a língua não se ‘impõe’ ao indivíduo (embora isso frequentemente se costume dizer): o indivíduo ‘dispõe’ dela para manifestar sua liberdade de expressão.

Convém abordar ainda o conceito de norma, já que este é um termo que será recorrente neste texto. O uso do termo norma linguística, de acordo com Antunes (2008), no sentido amplo, refere-se à normalidade, ou seja, aquilo que corresponde ao regular, ao usual, ao que mais frequentemente as pessoas usam, por exemplo, cada grupo ou cada região tem suas normas e são por eles identificados. Já num sentido mais restrito, o termo norma linguística implica o conceito de normatividade, de prescrição, isto é, do uso como deve ser, segundo um parâmetro legitimado, em geral, pelos grupos sociais mais escolarizados e com maior vivência em torno da comunicação escrita. A noção de norma culta se encaixa nesse segunda acepção.

De acordo com Faraco (2002), a norma culta é praticada, em determinadas situações (aquelas que envolvem certo grau de formalidade), por aqueles grupos sociais mais diretamente relacionados com a cultura escrita, em especial, aquela legitimada historicamente pelos grupos que controlam o poder social. É importante destacarmos que essa norma rege tanto as situações de escrita quanto as situações de fala desde que assumam certo grau de formalidade.

4. VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Coseriu foi um dos primeiros linguistas que se dedicou a discorrer sobre os tipos de variedades linguísticas. Coseriu (1980), em sua obra *Lições de Linguística Geral*, já defendia que a língua apresenta sempre variedade. O autor afirma que podemos encontrar na língua diferenças que podem pertencer a três tipos: a) diferenças diatópicas, isto é, diferenças no espaço geográfico; b) diferenças diastráticas, isto é, diferenças entre os estratos socioculturais da comunidade linguística; e c) diferenças diafásicas, ou seja, diferenças entre os diversos tipos de modalidade expressiva, incluindo as variações do que o autor chama de ‘grupos biológicos’ (homens, mulheres, crianças, jovens) e grupos profissionais.

Há, porém, várias nomenclaturas que nomeiam os tipos de variações linguísticas, que variam de acordo com cada estudioso. Castilho (2010) adota uma terminologia diferenciada de Coseriu: variação geográfica, variação sociocultural e variação individual, mas com as descrições semelhantes às do autor. Ilari e Basso (2007), em *O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos*, também traçam classificações semelhantes às de Coseriu, mas inclui a variação diacrônica entre os tipos de variação descritas pelos autores.

A variação diacrônica é um ponto polêmico entre os pesquisadores. Coseriu prefere não tratar a variação diacrônica no mesmo nível das outras variações por considerá-la um fenômeno que envolve a mudança linguística e que se explica também com base na diacronia, preferindo, então, deter-se à descrição estrutural ou sincrônica.

Beline (2010), em seu texto *Variação Linguística*, In: *Introdução à Linguística-objetos teóricos*, traça a mesma classificações de Coseriu para os tipos de variação linguística: variação diafásica, variação diatópica e variação diastrática.

Adotamos em nosso texto a classificação que parece ser consensual entre os estudiosos consultados, passemos a descrever cada um dos tipos de variação linguística de acordo com a terminologia coseriana.

A variação diatópica representa as diferenças que uma mesma língua apresenta na dimensão do espaço, quando é falada em diferentes regiões de um mesmo país ou em diferentes países. Quando se fala em língua portuguesa como um todo, o estudo da variação diatópica leva, antes de mais nada, a comparar variedades de português faladas

na Europa (Portugal, Madeira, Açores), na África (Moçambique, Angola, Guiné, Bissau), na Ásia (Goa, Macau, Timor Leste) e, no nosso caso, na América.

Nesse sentido, já o nosso José de Alencar, em seu prefácio “*Benção paterna*”, de “*Sonhos d’ouro* (1872)”, ao pensar as relações possíveis entre nós brasileiros e a língua trazida por nosso colonizador, indagava: “O povo que chupa o caju, a manga, o cambucá e a jabuticaba pode falar uma língua com igual pronúncia e o mesmo espírito do povo que sorve o figo, a pêra, o damasco e a nêspêra?” Através da distância entre os verbos sorver e chupar e da seleção lexical, Alencar realça o modo como as diferenças culturais, para além dos hábitos alimentares, podem ser assinaladas pelo uso da língua. Quando a referência é à Europa, Alencar cita “sorver”, associando o verbo a frutas de clima temperado; ao passo que o verbo “chupar” – manga, cambucá ou jabuticaba, frutas tropicais – estabelece relação explícita com o povo brasileiro. Por isso, é seguindo um percurso pautado na diferença, que devemos considerar a variação que há nesse idioma, hoje presente como língua oficial em quatro continentes.

Apesar de ainda ser considerada a mesma língua, podemos perceber sem dificuldade que o português brasileiro possui muitas variações com relação ao português europeu. Vejamos algumas diferenças linguísticas entre essas duas variações: na maior parte do Brasil, com exceção do Rio Grande do Sul, pronuncia-se da mesma forma a consoante [l] e a semivogal [w] em posição final: “mal”. No português europeu, o [l] é laterizado. No português brasileiro, há tendência para a próclise, exemplo: me passa o bife. Na variedade europeia, o pronome átono não inicia sentença, preferindo-se a ênclise, exemplo: passa-me o bife. Além das diferenças gramaticais, também podemos encontrar vários exemplos que marcam a diferença lexical: *rapariga* – *moça*/ *cerveja de pressão*-*chope*/ *casa de banho-banheiro*, entre outros.

Entre os falantes brasileiros, também há muitas diferenças, por exemplos, entre falantes originários das regiões nordeste e sudeste, percebemos diferenças fonéticas, como, por exemplo, a pronúncia de vogais médias pretônicas, como ocorre na palavra “melado” [mɛlad^o] e fechadas no sudeste [meladu].” Outro exemplo, jerimum é muito usado na Bahia, e abóbora em São Paulo. Tais diferenças não impedem a comunicação. Podemos comentar ainda a clara diferença que há entre falantes cariocas e paulistanos: o modo como eles pronunciam o –r em final de sílaba, por exemplo. Paulistanos tendem a aproximar o –r como uma vibrante simples, um “flap”, /r/ enquanto os cariocas são

conhecidos por aspirar o mesmo –r /h/. São duas variantes, diferentes formas linguísticas, que veiculam o mesmo sentido.

Mesmo que considerássemos os falantes do PB originários de uma mesma região, não iríamos encontrar homogeneidade entre esse grupo, pois ainda assim sua linguagem variaria, porque cada falante procede de um segmento diferente da sociedade. A esse tipo de variação linguística que se encontra quando se comparam diferentes estratos de uma população, denominamos **variação diastrática**. Segundo Coseriu (1980), as diferenças diastráticas são particularmente acentuadas nas comunidades em que existem grandes variedades culturais entre os diversos estratos sociais. Tal fato evidencia que a língua é sobretudo um produto social e cultural, não há como separar língua e sociedade, conforme afirmar Edward Sapir (1929).

Podemos afirmar que não temos atitudes apenas diante da língua falada em lugares diferentes, também nos posicionamos diante de modos de falar correlacionados a fatores sociais, tais como escolaridade e nível econômico. Sabemos, intuitivamente, que, no PB, por exemplo, deixar de fazer a concordância de número no sintagma nominal é um indício de baixa escolaridade, que em geral está relacionado com o baixo nível econômico. Desse modo, um grupo de indivíduos de maior nível de escolaridade e de melhor situação econômica possivelmente tenderá a evitar realizações como “as pessoa” e “uns carro”, em vez de “as pessoas” e “os carros”. Trata-se de um exemplo claro de que as atitudes linguísticas não estão delimitadas apenas por fronteiras geográficas, mas também por fronteiras sociais.

Vejamos algumas características da variedade popular e da variedade culta do português brasileiro, de acordo com Castilho (2010): a) a perda progressiva do –s para marcar plural, que passa a ser expresso pelo artigo: os homi, as pessoa. Na variedade culta, é mantida as regras redundantes de marcação do plural: os homens, as pessoas. b) Ocorre ainda na norma popular a alteração do quadro pronominal: (i) substituição de tu por você na maior parte do país, o uso do tu ocorre em variação com você; (ii) substituição de nós por *a gente*; (iv) perda do pronome *o*, generalização do pronome *lhe* como acusativo quando em referência à segunda pessoa (eu não lhe vi, eu lhe amo)

Contudo, podemos afirmar que não há uma oposição categórica entre fala popular e fala culta, ocorrendo em muitos casos um compartilhamento de propriedades; por

exemplo, também ocorre, na variedade culta do PB, a substituição progressiva de nós por a gente.

É importante destacarmos, conforme Castilho (2010), que as variedades populares não devem ser confundidas com língua coloquial ou informal, porque fazer a oposição entre culto e coloquial consiste em comparar coisas distintas, empregando, de um lado, o eixo das classes sociais e, de outro, o eixo de grau de formalidade da linguagem como critério de julgamento, conforme iremos destacar adiante.

A terceira variação destacada por Coseriu é a diafásica, Castilho (2010) denomina de individual e Ilari e Bessa (2007) de diamésica. Segundo Coseriu (1980) as diferenças diafásicas podem ser notáveis entre língua falada e língua escrita, entre o modo de falar familiar e um modo ‘público’ (ou, eventualmente, solene), entre ‘grupos biológicos’ (homem, mulher, jovem, criança), entre outros.

Podemos afirmar que a diversidade linguística não se restringe apenas a determinações motivadas por ordem geográfica e sociocultural. Um mesmo indivíduo pode alternar entre diferentes formas linguísticas de acordo com a variação das circunstâncias que cercam a interação verbal, incluindo o contexto social, propriamente dito, o assunto tratado, a identidade social do interlocutor, etc. Um professor universitário, por exemplo, pode envolver-se em pelo menos três diferentes situações linguísticas: no restaurante universitário, conversando banalidades com seus alunos, exercendo sua profissão; e no auditório, dando uma palestra. Assim, na situação de conferencista, não soaria adequado o emprego do “cê” por “você”, por exemplo, de “tá”, por “está”, perfeitamente plausíveis na conversa informal de um restaurante universitário.

De acordo com Castilho (2011), um conjunto de parâmetros permite observar a variação diafásica, ou, na terminologia do autor, variação individual, na execução do PB: o registro, a idade, o sexo. Vejamos cada uma desses parâmetros:

i) O registro: PB informal e PB formal: segundo Camacho (2010), é possível considerar dois limites extremos na transição entre os diferentes estilos possíveis: o estilo informal, em que é mínimo o grau de reflexão sobre as formas empregadas e o estilo formal, em que é máximo o grau de reflexão que se projeta sobre as formas linguísticas. A diferença essencial entre os dois graus extremos reside nos diferentes graus de adesão ao uso de formas padrão ou variantes de prestígio: no estilo informal a adesão às formas prestigiadas ou cultas é menor do que no estilo formal.

Nesse sentido, os falantes diversificam sua fala- isto é, usam estilos ou registros distintos- em função das circunstâncias em que ocorrem suas interações verbais. Os falantes adequam suas formas de expressão às finalidades específicas de seu ato enunciativo, sendo que tal adequação decorre de uma seleção dentre o conjunto de formas que constitui o saber linguístico individual de um modo mais ou menos consciente. Por exemplo, falamos inteiramente “à vontade” com nossa família e com nossos amigos. Falamos com mais cuidado, escolhendo as palavras e refletindo sobre a impressão que vamos dar, quando falamos com pessoas desconhecidas. Em consequência, escolhemos os recursos linguísticos adequados a essas situações. Por exemplo: (1) *Essa aqui é a pessoa em cuja casa fiquei quando viajava para a Europa.* (2) *Essa aqui é a pessoa que eu fiquei na casa quando viajei.* (3) *Essa aqui é a pessoa que eu fiquei na casa dela quando viajei.*

As sentenças acima são livremente intercambiáveis, no que diz respeito ao seu sentido. Temos então três variantes, o que nos permite afirmar que é indiferente dizer (1), (2) ou (3). É indiferente, claro, com relação ao seu significado. Sabemos, contudo, que não é conveniente falar (1) numa conversa informal com seus amigos de escola (seria, no mínimo, pedante). Assim como não seria exatamente adequado usar a frase (3) numa situação mais formal.

ii) A idade: português de criança e de adultos: outro ponto que faz variar nossa linguagem é dado por nossa idade. Por exemplo: o uso de léxico particular, como presente em certas gírias (“maneiro”, “esperto”, com o sentido de avaliação positiva sobre coisas, pessoas e situações), denota faixa etária jovem. Uso de pronome “tu” em situações de interação entre iguais no RJ, como em “Tu viu só”, também sugere que os falantes são jovens”, “profê”, professora.

iii) O sexo: a duração de vogais como recurso expressivo, como “maravilhoso”, costuma ocorrer na fala feminina, assim como o uso frequente de diminutivos, como “bonitinho”, “gostosinho”, “vermelhinho”.

Castilho (2010) ainda cita a variação de canal: segundo o autor, comunicação linguística pode ocorrer em presença do interlocutor, quando falamos, ou na sua ausência, quando escrevemos. Isso nos leva à variação de canal: a língua falada e a língua escrita. Em qualquer uma dessas situações, o locutor não está sozinho na construção de seus

enunciados, que são de certa forma controlados pelo interlocutor, presente ou ausente. As línguas naturais são constitutivamente dialógicas.

Há características que identificam a modalidade escrita e a modalidade falada. Por exemplo, marcas na fala que representam o retorno conversacional entre o locutor e o interlocutor ou a manutenção da interação: *né, tá, certo, olha só, viu*, entre outros. Contudo, na modalidade escrita, podemos encontrar marcas da oralidade, por exemplo, nos bate-papos virtuais, situações que se aproximam da modalidade falada.

De acordo com Callou (2008), a variação não é estanque e a relação entre as múltiplas variantes se situa num *continuum*. Não se trata de um indivíduo de uma determinada classe social, por exemplo, utilizar apenas uma variante e uma outra classe uma outra variante, mas sim de todos os grupos utilizarem todas as variantes, porém com frequência diferenciada. Em suma, todo falante possui um repertório disponível de formas linguísticas concorrentes que variam em função da estratificação social, geográfica, registro, etc., tanto no oral quanto no escrito.

Podemos destacar ainda outro tipo de variação, a variação geracional, que Ilari e Bessa (2007) descrevem como diacrônica. A variação geracional pode ser percebida comparando gerações. Todos nós conhecemos gírias que, embora compreensíveis, soam “antigas”, e também é comum o caso de gírias compreensíveis somente aos mais velhos ou aos mais novos. Exemplos: estar de bonde (namorar, estar com a namorada)/ ficar. O poeta Drummond já denunciava essa variação em seu poema *Antigamente*: “*ANTIGAMENTE*, em que descreve expressões que são próprias de gerações passadas e que hoje são vistas como certo estranhamento: *mademoiselles, completavam primaveras, constipação, botica, phtysica*.”

Admitimos que a variação linguística pode chegar até o nível do indivíduo, embora o indivíduo possa utilizar variantes, é no contato linguístico com outros falantes de sua comunidade que ele vai encontrar limites para a sua variação individual. Como o indivíduo vive inserido numa comunidade, deverá haver semelhanças entre a língua que ele fala e a que os outros membros da comunidade falam. Desse modo, para ele ser aceito e identificado como pertencente a uma determinada comunidade linguística ele deve compartilhar um conjunto de normas/leis com os outros falantes.

É importante destacar que as variedades linguísticas são geralmente associadas a diferentes valores sociais, aquelas utilizadas pelas camadas menos prestigiadas

socialmente, como, por exemplo, pessoas sem escolaridade e de baixo poder aquisitivo são as mais suscetíveis a o que chamamos de *preconceito linguístico*.

Bagno (1999) afirma que o preconceito linguístico constitui-se em não aceitar a variação linguística falada pelo outro, ainda na concepção do mesmo autor, o preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogadas nos dicionários.

5. METODOLOGIA

Essa pesquisa apresenta uma abordagem qualitativa que, de acordo com Minayo e Sanches (1993), trabalha com valores, crenças, hábitos, atitudes, representações, opiniões e adequa-se a aprofundar a complexidade de fatos e processos particulares e específicos a indivíduos e a grupos. Sua utilização é, portanto, indispensável quando os temas pesquisados demandam um estudo fundamentalmente interpretativo.

Quanto aos procedimentos metodológicos, este trabalho adota o estudo bibliográfico e de campo que, segundo Motta-Roth e Hendges (2010) dizem respeito, respectivamente: ao levantamento da bibliografia e os documentos referentes ao problema em questão; observação de fatos humanos ou sociais, tal qual ocorrem, atentando para as variáveis que afetam esses fatos e registrando-as, para tentar confirmar ou rejeitar hipóteses, para tanto, utiliza-se instrumentos de observação como o questionário e a entrevista.

Considerando os objetivos do presente estudo, a pesquisa foi realizada em quatro etapas, a saber: **1.** Primeira etapa: seleção de textos teóricos; **2.** Segunda etapa: elaboração de questionários; **3.** Terceira etapa: aplicação dos questionários e análise de livro didático; **4.** Quarta etapa: análise de entrevistas e discussão dos resultados.

As perguntas dos questionários foram elaboradas de acordo com os objetivos deste trabalho – verificar/analisar o material didático, a prática do professor de Língua Portuguesa (neste estudo, restrita apenas a seus discursos, proferidos nas entrevistas) e consequentemente a relação entre ambos.

Os questionários foram aplicados durante entrevistas realizadas em duas escolas, uma escola Municipal e outra Estadual, localizadas no município de Acarape com duas professoras de Língua Portuguesa, sendo uma atuante no 6º ano do Ensino Fundamental e outra no 2º ano do Ensino Médio. Para fins éticos, nomeou-se as participantes como “professora 1” e “professora 2”.

Para análise de material didático, tomou-se os livros de 6º ano do Ensino Fundamental e do 1º ano do Ensino Médio, pois são estas as séries nas quais o currículo escolar inclui o estudo da variação linguística, como um conteúdo. Como não fora possível a entrevista com a professora atuante no 1º ano, a professora de 2º, que já atuou em anos anteriores nestas turmas, se disponibilizou a ajudar na pesquisa.

Levou-se em consideração, na referida análise, aspectos como: **I.** Como é abordada a variação linguística no livro? **II.** Esse tipo de abordagem contribui para a representatividade dos alunos? **III.** Qual a proposta do livro para o trabalho com gramática? **IV.** Que perspectivas teóricas-metodológicas são possíveis perceber no livro? **V.** Este livro didático segue as orientações de documentos oficiais do ensino, como os PCN?

Por fim, a discussão dos resultados se deu a partir das etapas citadas anteriormente, bem como, do estudo e análise de outras pesquisas sobre o ensino de gramática e variação linguística, observando-se suas contribuições e lacunas, haja vista a amplitude do assunto, que não se esgota facilmente.

6. ANÁLISE DOS LIVROS DIDÁTICOS

6.1. Descrição geral - Livro I

O primeiro livro didático analisado é do 6º ano, da coleção “*Para viver juntos*” (Costa; Marchetti & Soares, 2016). O título dado à coleção destaca a proposta de interação, e é isto que os autores defendem na apresentação do livro. Nesta breve apresentação, eles enfatizam o caráter interativo da linguagem, entendendo-a como mediadora de todas as práticas comunicativas em sociedade. Propõem, então, uma diversidade de gêneros, que se fazem amplamente presente no cotidiano dos alunos, objetivam, portanto, ajudá-los no exercício da criatividade, criticidade e autonomia, tornando-os assim mais participativos na escola e sociedade. Deste modo, percebe-se que os autores buscam seguir importantes orientações de documentos oficiais da educação como, os PNC (1997), pois no documento é frisado a importância do pensamento crítico para o pleno exercício da cidadania, como destacado no trecho a seguir da carta de apresentação do livro:

“Ao término desta jornada que vamos percorrer juntos, esperamos que você descubra as possibilidades oferecidas pelo estudo da língua Portuguesa. Assim, você poderá ampliar a sua participação no mundo como pessoa mais autônoma, crítica e autora de sua história”.

Além disso, os autores demonstram o firme propósito de trabalhar com a língua em uso, outra orientação dos PCN. Adotam, portanto um ponto de vista funcionalista da linguagem, ao afirmarem que o ensino precisa ser pautado na reflexão dos usos dos recursos linguísticos e não apenas em prescrição, como exposto a seguir:

“O ensino de língua portuguesa deve prever a reflexão sobre os usos da língua e da linguagem, assim como a reflexão sobre os conhecimentos linguístico como um todo, sejam eles discursivos, textuais, gramaticais ou notacionais. Dessa forma, as atividades de ensino de linguagem verbal devem prever momentos nos quais se tome como objeto de reflexão tanto os usos dos recursos linguísticos utilizados pelos produtores na elaboração de textos e os efeitos de sentido provocados por esse uso.”

O livro está dividido em 9 capítulos. Cada capítulo é destinado ao estudo de um gênero textual específico. A estrutura didática proposta para os capítulos está organizada da seguinte forma: 1. Leitura e estudo do texto; 2. Produção de texto; 3. Reflexão

linguística; e 4. Língua viva (é como uma continuação do tópico anterior). Todos os capítulos seguem essa mesma estrutura.

Na abertura de cada capítulo, há uma imagem. O aluno deve associar a imagem com o conteúdo que está sendo proposto no capítulo, para isso são lançadas algumas questões. No que diz respeito ao estudo de texto, às questões propostas estão ponderadas, ou seja, equilibradas. Há àquelas que são apenas descritivas e pontuais, mas há também muitas com um viés crítico.

Após o estudo do gênero textual, sempre é apresentada uma proposta de produção de texto. Esta se dá da seguinte forma: é exposta uma imagem para o aluno, e a partir dessa imagem ele deve desenvolver o tipo de texto trabalhado, ou seja, o aluno tem que criar uma história a partir de algo pré-determinado, o exercício de sua criatividade fica assim, limitada. A proposta é em parte boa, haja vista que, em todo caso, permite o aluno exercitar sua criatividade, porém poder-se-ia ter posto em outros capítulos propostas diferenciadas, que dessem maior liberdade ao aluno. Nessa proposta se pede para preencher vários quadros, com características dos personagens, assunto do texto etc., e isso se repete duas ou três vezes, na mesma proposta, isso acaba por “fatigar” o aluno para o processo de produção.

No tópico Língua e linguagem, surgem definições sobre o que é Linguagem, o que é língua, Linguagem formal e informal, noções de intertextualidade, os tipos de personagens, narrador, etc. As definições são apresentadas de forma simples, acompanhadas de uma pequena explicação, seguida de exemplo, frisando a compreensão do aluno, como a seguir:

Figura 1. Definição de Língua e Linguagem no livro 1

Língua e linguagem

1. Releia este trecho da narrativa de aventura.

Sexta-Feira andava pela praia, à cata de tartarugas. Voltou correndo, apavorado.
 - Patrão, patrão! Três canoas chegam. Muitos inimigos. Já está muito perto...
 [...]

 - Não são gente do seu povo, Sexta-Feira!
 - Não, patrão. Ser inimigos. Eu vi direito.
 - Assim de tão longe? Como é que você sabe?
 - Eu saber. Estes são inimigos. Talvez até vir aqui pra pegar Sexta-Feira.
 [...]

 Fiz sinal a Sexta-Feira. Estava pronto? Então que atirasse com a espingarda, que seguisse meu exemplo...
 - Agora, Sexta-Feira! - berrei.

a) Em que Sexta-Feira pode ter se baseado para concluir que eram inimigos se aproximando? Ele já conhecia aquele grupo e provavelmente o identificou pelo tipo de canoa ou por algum detalhe da vestimenta que pudesse ser visto de longe.

b) O que provavelmente fez Sexta-Feira pensar que estavam atrás dele? Ele viu uma canoa que se aproximava dele e conseguiu ouvir os ruídos das pessoas em batidas.

c) Como Crusóé fez para saber se Sexta-Feira estava pronto? Ele fez um sinal, apontando para a espingarda com a mão.

d) E para avisar a Sexta-Feira que ele deveria atirar? Falou com ele bem alto ("berrei").

As pessoas interagem por meio da linguagem. Nessa interação, elas constroem sentidos, de acordo com as experiências, as expectativas e os conhecimentos prévios de cada uma. No romance, Sexta-Feira se assusta com a aproximação das canoas inimigas e corre para avisar Robinson Crusóé. O náufrago não tinha as mesmas informações que o indígena, então achou inicialmente que poderia ser alguém da tribo de seu companheiro. Ao insistir no fato de serem inimigos, Sexta-Feira influenciou Crusóé, que logo começou a se preparar para um combate. Assim como a fala de Sexta-Feira gerou um comportamento em Crusóé, foi o gesto deste último, momentos depois, que deixou o nativo em alerta. Ao falar e fazer um gesto, tocou ao escrever, desenhar, emitir um som, cantar, escolher uma roupa, não só comunicamos algo, mas também agimos sobre o outro. Pela linguagem, portanto, podemos transformar o comportamento, as atitudes e as opiniões das pessoas com quem interagimos.

LINGUAGEM
 Linguagem é uma atividade de interação. Por meio dela os indivíduos se comunicam, constroem sentidos e agem uns sobre os outros.

Ilustração, em anedocto estadunidense de cerca de 1895, representando artisticamente pessoas da idade da Pedra comendo. Desde os tempos mais remotos, o ser humano compartilha suas histórias com seus companheiros.



Reprodução de pintura em parede da caverna de Cavalis, Espanha. Fotografia de 2005.



Linguagem verbal e linguagem não verbal

Na época das cavernas, o ser humano sabia para caçar e enfrentava os perigos presentes na natureza. Quando voltava, trazia alimentos e podia contar para seus companheiros as aventuras pelas quais havia passado. Outra maneira de comunicá-las era desenhando, nas paredes das cavernas, os fatos mais marcantes de uma caçada e algumas outras atividades importantes. Assim, a história dessas pessoas pré-históricas ficou registrada por meio dessas pinturas, permitindo que, nos dias atuais, tenhamos acesso a algumas informações sobre o modo de vida delas.

Além do desenho, da fala e do gesto, podemos nos comunicar por meio de outras linguagens.

2. Observe estas imagens.



Grupo de jovens que pratica street dance.



Placa de orientação.

a) O que as roupas desses jovens podem expressar? Você acha que elas podem gerar uma reação nas pessoas ao redor?

b) A segunda imagem mostra uma placa de trânsito. O que ela significa? A placa indica que os pedestres devem andar à esquerda e os ciclistas, à direita.

Nas ruas, os motoristas e os pedestres orientam-se pelas informações que aparecem nas placas de trânsito. Nessas situações, os sinais sonoros também são fundamentais. Ao acionar a sirene de uma ambulância, por exemplo, o condutor comunica a urgência da passagem e provoca uma ação nos motoristas, que lhe abrem passagem com seus carros.

Nos espetáculos teatrais, os movimentos dos atores, suas expressões faciais e seus gestos somam-se às falas das personagens, à iluminação, ao cenário e à trilha sonora. Essas linguagens, juntas, auxiliam os espectadores a construir os sentidos da peça apresentada.

Para expressar suas emoções em e-mails, chats e mensagens instantâneas, os internautas, principalmente os mais jovens, utilizam representações gráficas compostas de sinais da escrita. Essas representações são chamadas de *emoticons*, junção de *emotion*, "emoção" em inglês, e *icon*, que significa "ícone" ou "sinal".

Os deficientes auditivos brasileiros comunicam-se pela Língua Brasileira de Sinais (Libras). Trata-se de uma língua com estrutura gramatical própria, e não apenas da gesticulação das palavras do português. Os sinais da Libras foram elaborados pela combinação da forma e do movimento das mãos e do ponto no corpo ou no espaço onde esses sinais são feitos.

Linguagem dos jovens na Internet: alguns emoticons

:-D	Rindo
:-(Triste
:-)	Feliz
;-)	Piscando
-)	Dormindo
X-)	Com vergonha ou tímido
:-)))	Gargalhando
;-	Zangado
:-((Inundação de lágrimas
:-@	Gritando

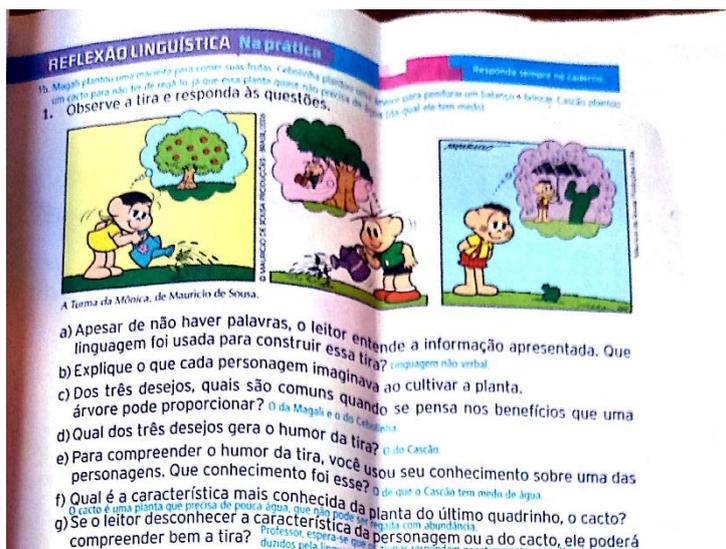
MARCHETTI, Greta; SOARES, Jairo J. B; PAIVA, Andressa M. Para viver juntos: português, anos finais. - 4. Ed. - São Paulo. Edições SM, 2015.

A atividade inicialmente funciona como “ponto de partida” para se adentrar na definição de linguagem e língua. Aparentemente é uma atividade de estudo de texto, que indaga o aluno sobre fatos, situações e acontecimentos relatados no texto, permitindo assim, reflexão.

Define-se linguagem como “uma atividade de interação. Por meio dela os indivíduos se comunicam, constroem sentidos e agem uns sobre os outros”. Em seguida isto é exemplificado com aspectos do texto discutido, como o fato de o personagem Sexta-Feira, o indígena, convencer o outro personagem, o náufrago, seu amigo, que as canoas que se aproximam são de tribos inimigas. Com isto o aluno entende o poder da língua como mecanismo de interação e também de persuasão.

A seguir algumas questões propostas no livro para reflexão linguística:

Figura 2. Atividade de reflexão linguística.



Fonte: MARCHETTI, Greta; SOARES, Jairo J. B; PAIVA, Andressa M. Para viver juntos: português, anos finais. - 4. Ed. - São Paulo. Edições SM, 2015.

Figura 3. Atividade de reflexão linguística



Fonte: MARCHETTI, Greta; SOARES, Jairo J. B; PAIVA, Andressa M. Para viver juntos: português, anos finais. - 4. Ed. - São Paulo. Edições SM, 2015.

O aluno deve ser estimulado a ler textos, dos mais simples aos mais complexos, para entender a dimensão da língua. Logo são indispensáveis trazer para as atividades textos mistos (verbal e não verbal).

As questões expostas vem corroborar para o entendimento de que a linguagem não verbal pode ser tão eficiente quanto a verbal, o que é imprescindível, para quebrar estereótipos negativos a respeito dessa forma de linguagem, além disso, a atividade mostra situações reais nas quais a linguagem não verbal é utilizada, como no sinal de trânsito, o que permite o aluno refletir sobre o uso deste tipo de linguagem.

O livro também destaca o trabalho com a oralidade, que é essencial, pois, possibilitar ao aluno a preparação prévia da enunciação de textos orais significa ensinar procedimentos que possam ancorar a fala do locutor, orientando-a em função da situação de comunicação e das especificidades do gênero. (BRASIL, 1998, p. 74).

De forma geral, os autores do livro buscam seguir as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais, pois há uma tentativa de trabalhar com a língua em uso, há grande diversidade de gêneros, como tirinhas, poemas, charges, contos, etc. Propostas de atividades em grupo, propostas de projetos para serem apresentados para a escola, além de atividades para o exercício da oralidade. De fato, este livro cumpre em boa medida

com o que promete, mas falha em uma questão fundamental: no tratamento da variação linguística, que será exposta após a descrição do segundo livro.

6.1.1. Descrição geral- livro II

O segundo livro didático analisado é do 1º ano do Ensino Médio, da coleção “*Se liga na língua*”, (ORMUNDO & SINISCALSCHI, 2016). Na carta de apresentação do livro ao aluno, os autores ressaltam a função interativa da língua na comunicação humana, destacando sua importância, bem como a diversidade dos gêneros discursivos e literários que serão trabalhados no livro, enquanto recursos indispensáveis para o exercício do pensamento crítico. “*Este livro pretende dar voz a você e não apenas ser um mero instrumento de consulta*”, este é o recado que os autores deixam no final da apresentação para os alunos. Com base nisso, bem como no título dado a coleção, com um tom mais informal, assegurado pela Gíria “Se liga”, subentende-se que o livro trará uma linguagem mais descontraída, bem como aspectos da realidade vivenciada pelos alunos. Portanto, há por parte dos autores, assim, como os do livro 1, um forte interesse em trabalhar com a língua em uso.

O livro apresenta 11 unidades, cada uma delas composta por 2 ou mais capítulos e está dividido em três partes: Literatura, Produção de texto e linguagem. Para fins de análise, trar-se-á para discussão a abordagem que o livro dá para a Linguagem, pois esta engloba a gramática e variação. Porém é válido frisar que é louvável a proposta dos autores em destinar boa parte do livro para o trabalho com gêneros discursivos e a consequente produção textual, considerando a refacção de texto, pois a escrita é uma forma de expressão de pensamento e também um exercício da criatividade e criticidade dos alunos, portanto é indispensável. No que diz respeito aos gêneros discursivos, há uma diversidade, há aqueles mais voltados para a escrita, como a notícia, por exemplo, quanto os mais voltados para a oralidade, como o relato, o conto popular, a entrevista, etc.

No que diz respeito à Literatura, são trabalhados aspectos como a diferença entre o texto literário e não literário, os gêneros literários épico, dramático e lírico, suas características, e também as escolas literárias: Quinhentismo, Arcadismo e Barroco. Os autores ficam presos ao gênero poema para explicar e exemplificar estes assuntos, quando poderiam englobar, nessa parte literária, o conto, letras de músicas e trechos de romance, por exemplo.

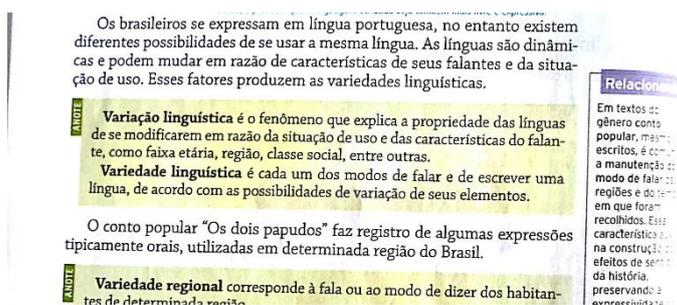
7. O TRATAMENTO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NOS LIVROS DIDÁTICOS

7.1. A variação Linguística no Livro I

O livro didático em questão traz três tipos de variedades linguísticas a saber: variedade regional, situacional e social. A variação regional, objeto da nossa pesquisa, é abordada dentro do capítulo destinado ao estudo do “Conto popular”, porém este estudo fica restrito apenas a este capítulo, não havendo diálogo com os demais. A variação linguística aparece quase que como um complemento, uma informação a mais sobre o gênero conto popular. Segundo Bagno (2007), a língua é essencialmente heterogênea, variante e mutante e isso se aplica a todas as línguas; desse modo, o ensino de Língua portuguesa não pode estar dissociado das variações que a língua sofre e que são tão perceptíveis seja na fala, seja na escrita. Portanto, a variação deve ser melhor enfatizada no material didático, afinal a língua é variável, então tudo que diz respeito a língua, sofre variação.

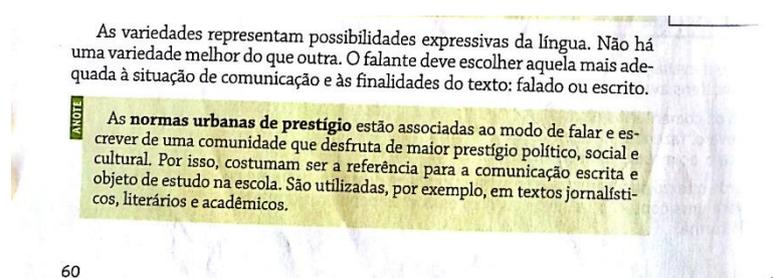
Há durante a explicação do conteúdo uma preocupação em fazer com que o aluno perceba que a variação não é um erro, como exposto nas definições a seguir:

Figura 4. Definição de variação linguística e variedade regional.



Fonte: MARCHETTI, Greta; SOARES, Jairo J. B; PAIVA, Andressa M. Para viver juntos: português, anos finais. - 4. Ed. - São Paulo. Edições SM, 2015.

Figura 5. Definição de normas urbanas.



Fonte: MARCHETTI, Greta; SOARES, Jairo J. B; PAIVA, Andressa M. Para viver juntos: português, anos finais. - 4. Ed. - São Paulo. Edições SM, 2015.

Porém isso é trabalhado de maneira muito superficial. São poucos e ineficazes os exemplos mostrados. As questões propostas não permitem que o aluno entenda o que de fato é Variação e o que são as variedades linguísticas, pelo contrário, o que dá a entender é que falar de acordo com “a variedade regional” é estar em *desacordo* com a norma padrão, apresentada no livro como uma variedade real da língua, sendo que esta diz

respeito apenas a uma norma idealizada pelos gramáticos. Não há falantes da norma padrão, há aqueles que dominam uma variedade que se aproxima dela, a norma culta.

A seguir uma atividade proposta no livro sobre variação linguística:

Figura 6. Atividade sobre variação linguística.

A imagem mostra uma página de um livro de atividades linguísticas. No topo, há uma barra com o título "REFLEXÃO LINGÜÍSTICA" e "Variação linguística: variedades regionais". Abaixo, há uma seção intitulada "Variedades regionais" com o número 1. O texto principal descreve uma situação de um papudo tocando um instrumento musical. À direita, há uma ilustração de um papudo tocando um instrumento musical. Abaixo do texto principal, há seis questões (a-f) com subtítulos explicativos em menor fonte.

REFLEXÃO LINGÜÍSTICA
Variação linguística: variedades regionais

●●● **Variedades regionais**

1. Leia o trecho a seguir, retirado do conto "Os dois papudos".

Enquanto pinicava as cordas, prestava atenção às palavras dos dançarinos.
Eles entoavam:
Segunda, terça
Quarta, quinta...

a) Identifique uma expressão utilizada nesse trecho que faça referência a uma das ações realizadas pelo papudo.
A expressão "pinicava as cordas"

b) Considerando a situação apresentada no conto, o que essa expressão significa? A expressão significa tocar um instrumento musical.

c) Reescreva a frase em que a expressão é utilizada, substituindo-a pelo significado indicado na resposta anterior.
Enquanto tocava um instrumento musical, prestava atenção às palavras dos dançarinos.

d) Após a reescrita, qual mudança é possível observar na frase?
A frase fica mais próxima a linguagem convencional, formal.

e) Por que será que, ao recontar a história, essa expressão foi usada?
Provavelmente, para ser fiel ao modo como a história foi contada, mantendo a expressividade do texto.

f) Qual é a relação entre o uso dessa expressão e o fato de o texto ser um conto popular? Por ser um conto popular, apresentado em uma situação de comunicação mais descontraída, é provável que a linguagem utilizada seja também mais livre e expressiva.

Fonte: MARCHETTI, Greta; SOARES, Jairo J. B.; PAIVA, Andressa M. *Para viver juntos: português, anos finais*. - 4. Ed. - São Paulo. Edições SM, 2015.

Na atividade acima, é possível perceber que o intuito é fazer com que o aluno entenda uma das características principais do conto popular, que é a sua originalidade, portanto o seu léxico, que se deve manter fiel ao extrato social que representa. A variação linguística aí fica à mercê de uma simples expressão que aparece no trecho em destaque **“pinicava as cordas”**. Em momento algum é proposto ao aluno o questionamento do que é a variedade regional, quais os elementos que caracterizam os falantes dessa variedade e o que corrobora para esta forma linguística. Apenas se limita a relacionar a expressão linguística do conto popular à uma linguagem mais livre e expressiva, como consta nos comentários das questões. O aluno precisa ser levado a entender que a língua é a **“representação de um povo”**. A este respeito, (SCHERRE, 2005. p. 10) diz que:

Às línguas humanas são, em verdade, mais do que excelentes instrumentos de comunicação. São, também, reflexo da cultura de um povo. São, além disso, parte da Cultura de um povo. São ainda mais do que isto: são mecanismos de identidade. Um povo se individualiza, se afirma e é identificado em função de sua língua.

Esta reflexão não se faz presente no livro, e isso gera incompreensão a respeito das diversas variedades da língua, junto a isso surge uma forte influência para preconceitos que, não se resumem somente a linguísticos, mas sociais.

O livro apresenta uma proposta limitada quanto ao ensino reflexivo das variedades linguísticas, reafirmando aquilo que disse (BAGNO, 2007, p. 15):

Um dos principais problemas encontrados nos livros didáticos é uma tendência a tratar da variação linguística em geral como sinônimo de variedades regionais, rurais ou de pessoas não escolarizadas. Parece estar por trás dessa tendência a suposição (falsa) de que os falantes urbanos e escolarizados usam a língua de um modo mais ‘correto’, mais próximo do padrão, e que no uso que eles fazem não existe variação.

Isso fica claro no livro quando, ao tratar da variedade regional, só aparecem exemplos de fala, supostamente de pessoas não letradas e do interior. Quando poder-se-ia trazer exemplos que retratassem as formas linguísticas das pessoas das cinco regiões brasileiras, isso seria muito mais pertinente para o aluno compreender este tipo de variedade e certamente não suscitaria preconceitos, caso fosse bem debatido em sala de aula. A importância da variação linguística tratada no livro fica restrita a suposta “ajuda” que ela traz para a caracterização de personagens do sertão em obras literárias.

É preciso um ensino que valorize e respeite todas as variedades linguísticas, pois assim se terá uma arma poderosa para o combate e, não disseminação de preconceitos, como ressalta os PCN:

Frente aos fenômenos da variação, não basta somente uma mudança de atitudes; a escola precisa cuidar para que não se reproduza em seu espaço a discriminação linguística. Desse modo, não pode tratar as variedades linguísticas que mais se afastam dos padrões estabelecidos pela gramática tradicional e das formas diferentes daquelas que se fixaram na escrita como se fossem desvios ou incorreções. E não apenas por uma questão metodológica: é enorme a gama de variação e, em função dos usos e das mesclas constantes, não é tarefa simples dizer qual é a forma padrão (efetivamente, os padrões também são variados e dependem das situações de uso). Além disso, os padrões próprios da tradição escrita não são os mesmos que os padrões de uso oral, ainda que haja situações de fala orientadas pela escrita. (BRASIL, 1998, p. 82)

A seguir mais uma atividade proposta para a reflexão acerca da variação linguística:

Figura 7. Atividade sobre variação linguística.

REFLEXÃO LINGÜÍSTICA Na prática Responda sempre no caderno.

1. Leia o trecho da letra da música "Vaca Estrela e Boi Fubá".

Eu sou filho do Nordeste, não nego meu naturá
Mas uma seca medonha me tangeu de lá pra cá
Lá eu tinha o meu gadinho, num é bom nem imaginar,
Minha Vaca Estrela e o meu belo Boi Fubá
Quando era de tardezinha eu começava a aboiar
Aquele seca medonha fez tudo se atrapalhar,
Não nasceu capim no campo para o gado sustentar
O sertão esturricou, fez os açude secar
Morreu minha Vaca Estrela, já acabou meu Boi Fubá
Perdi tudo quanto tinha, nunca mais pude aboiar



1. O sertão do Nordeste brasileiro. Professor, caso necessário, comente com os alunos o significado de *eu tangeu*, que é a voz que se exprime no poema e em letras de música. Esse termo será estudado no capítulo 6, que trata do gênero poema.

Patativa do Assaré. Vaca Estrela e Boi Fubá. Em: *A Terra é naturá*. Epic/CBS, 1980.

a) Na primeira estrofe da canção, é revelada uma transformação na vida do boiadeiro. Que transformação é essa? Quais versos comprovam sua resposta?
O boiadeiro teve de sair do local em que morava e pastar no sertão. Os versos que comprovam sua resposta são o segundo e o terceiro.

b) Qual termo dessa estrofe está em desacordo com a norma-padrão? Como essa palavra é registrada na norma-padrão? *O termo "naturá". Natural.*

c) Qual é o efeito de sentido produzido ao usar esse termo dessa maneira?
O efeito é o de reproduzir o modo de falar do boiadeiro.

d) Procure no dicionário o significado das palavras *medonha*, *tangeu* e *aboiar* no texto.

Fonte: MARCHETTI, Greta; SOARES, Jairo J. B; PAIVA, Andressa M. *Para viver juntos: português, anos finais*. - 4. Ed. - São Paulo. Edições SM, 2015.

Na atividade, é lançada uma proposta de reflexão linguística, traz-se um poema de um escritor cearense (Patativa do Assaré) que destaca a linguagem regional. Apesar da tentativa em abordar questões de variação regional, ou geográfica, ao relacionar os aspectos linguísticos do poema com as características sociais e espaciais do cenário onde o poema é retratado; a proposta da atividade volta para a velha abordagem: corrigir a norma popular, tratando-a como erro.

No item b, ao afirmar que determinadas palavras estão em desacordo com a norma-padrão e pedir para o aluno passar para a norma "correta", além de cometer o preconceito linguístico, também coloca a norma popular como aquela que apresenta erros que devem ser corrigidos para se adequar ao padrão. Os autores esquecem que, ao perguntar para o aluno como determinada palavra no poema é registrada pelo norma-padrão, descaracterizam o gênero, pois, ao passar para a norma-padrão, desconstroem o poema, sua cultura, seu povo, sua identidade.

De acordo com Coseriu (1979), "a língua não pode ser isolada dos fatores externos, isto é, de tudo aquilo que constitui a fisicidade, a historicidade e a liberdade expressiva dos falantes". Então trabalhar a língua sem levar em consideração o social, histórico, os sujeitos, os fatores externos, é apresentar uma falsa proposta de discussão e reflexão linguística.

A seguir, outra proposta de atividade com o intuito de trabalhar a variação linguística.

Figura 8. Atividade sobre variação linguística.

2. Leia esta notícia, publicada em um jornal de Portugal.

Idoso anda 12 km em contramão

Ao que o *Correio da Manhã* (CM) apurou, o idoso terá saído de casa pelas 08h30, com a intenção de se deslocar a Arruda dos Vinhos. Ao volante do seu automóvel, entrou na Auto-estrada do Norte (A1), de onde saiu no nó do Carregado.

Aqui, a qualquer **condutor**, deparam-se três soluções. “Ou reentrar na A1, em direção ao Norte, ou entrar na Ponte das Lezírias, a caminho de Benavente, ou seguir por uma estrada nacional até Arruda dos Vinhos”, disse ao CM fonte policial.

Apesar de ter como destino Arruda dos Vinhos, o idoso direccionou a **viatura** no sentido da Ponte das Lezírias (A10), onde entrou pelas 08h50, junto ao quilómetro 18.

Só ao fim de um quilómetro de marcha, é que o condutor se terá apercebido de que não estava a tomar o sentido que pretendia. Foi então que o inesperado aconteceu.

“Ele simplesmente fez inversão de marcha, e recomeçou a conduzir no sentido oposto”, acrescentou o mesmo **informador**. Durante doze quilómetros de marcha, o automóvel conduzido pelo idoso não se deparou com nenhuma outra viatura. [...]

Disponível em: <<http://www.cmjornal.xl.pt/nacional/portugal/detalhe/idoso-anda-12-km-em-contramao.html>>. Acesso em: 9 jan. 2015.

a) Que palavras do português do Brasil poderiam substituir os termos destacados?

b) Como o trecho a seguir é falado e escrito no português do Brasil?
Só depois de um quilómetro é que o condutor teria percebido que não seguia a direção que pretendia.
Só ao fim de um quilómetro de marcha, é que o condutor se terá apercebido de que não estava a tomar o sentido que pretendia.

c) Como se explicam as diferenças de vocabulário e da forma de organização das palavras na frase em diferentes regiões? Por meio das variedades regionais, que são os diferentes modos como a língua é falada em diferentes regiões, que pode se identificar tanto na linguagem oral como na escrita.

61

Figura 2 MARCHETTI, Greta; SOARES, Jairo J. B; PAIVA, Andressa M. Para viver juntos: portugueses, anos finais. - 4. Ed. - São Paulo. Edições SM, 2015.

Nessa questão, há a intenção de fazer o aluno perceber a variação entre o português brasileiro e o de Portugal. No entanto, há dois problemas que causam alguns equívocos: não se apresentam para os alunos os fatores que são responsáveis pelas diferenças linguísticas entre os dois países, pois, muito além do que apenas identificar essas diferenças, os alunos deveriam compreender que a variação linguística é provocada por fatores sociais, históricos, além do geográfico. Ao compreender esses fatores, os alunos também compreenderiam como as línguas variam e mudam, e compreenderiam que variação é um fenômeno comum a qualquer língua.

Se em lugar de encarar criticamente a diversidade linguística e continuarmos a prescrever sem mais debates o que é certo e condenar o que é errado, estaremos por certo perdendo uma grande oportunidade para formar o cidadão crítico. Cada região apresenta a sua variedade culta e é importante que seja contemplada no ensino nas escolas, sem preconceitos calcados na velha história de que há variações melhores do que outras.

Em relação à variação situacional, esta é mencionada de forma muito rápida. Apresenta-se uma breve atividade e em seguida algumas informações a respeito deste tipo de variação. É dito ao aluno que é importante adequar a fala as diferentes situações

comunicativas, mas não se diz, por exemplo que isso se deve ao fato de que existe no Brasil uma variedade da língua eleita, por razões sócio, políticas e econômicas como oficial e que, o ambiente e a situação muito interferem nas escolhas linguísticas. Além disso, são dados poucos exemplos, conforme a seguir:

Figura 4. Definição e exemplos de variação situacional.

REFLEXÃO LINGÜÍSTICA: Variação linguística: variedades situacionais e sociais

Na primeira parte do capítulo, vimos que há várias formas de os falantes se expressarem na língua portuguesa. Dependendo da região onde moram ou da situação de comunicação, as pessoas variam o modo de falar. Há, porém, outras situações em que podemos reconhecer as variedades linguísticas.

Variedades situacionais

1. Leia o trecho inicial do conto popular "Os sete sapatos da princesa", recolhido na cidade de Ubá, em Minas Gerais.

Era uma vez um reino em que havia uma princesa que gostava sete sapatos por noite. Ninguém podia explicar esse mistério. Vai então Joãozinho, um rapazote que andava correndo o mundo e que saiu de casa com a bênção do pai, tinha chegado a essa terra e ouvido falar desse misterioso caso. O rei daria a mão da princesa em casamento a quem descobrisse tudo como era. Mas quem o tentasse e não descobrisse – era ali na certa – daria a cabeça a degolar.

Luis da Câmara Cascudo. *Contos tradicionais do Brasil*. Rio de Janeiro: Edições, 2001. p. 104.

1a. Joãozinho, quando andava pelo mundo, já a um certo tempo descobriu que a princesa gostava de sete sapatos por noite. Tentou descobrir com ela, mas se tentasse a cabeça daria a degolar.

1c. "Correndo o mundo".

Em textos do gênero conto popular, é comum haver marcas de informalidade na forma e registro: o modo de falar espontâneo, característico do ato de contar histórias. Essas características auxiliam na construção dos efeitos de sentido da narrativa, preservando a expressividade do texto.

2. Observe outra situação de comunicação.

Luis da Câmara Cascudo é, sem dúvida, o maior folclorista brasileiro. Sua vida foi dedicada à pesquisa e ao registro da cultura popular do país, compondo uma obra fundamental para a compreensão da identidade nacional. Entre seus livros mais importantes encontra-se este *Contos tradicionais do Brasil*. [...] Aqui estão reunidos cem dentre os mais famosos contos da cultura popular, compondo um quadro magnífico dos costumes, das crenças e do linguajar desta terra que tanto amou nos seus 88 anos de vida.

Luis da Câmara Cascudo. *Contos tradicionais do Brasil*. Rio de Janeiro: Edições, 2001.

a) Nesse trecho, é possível perceber a predominância de qual tipo de linguagem: formal ou informal? Justifique.

b) Esse trecho faz parte do texto presente na contracapa do livro *Contos tradicionais do Brasil*, de Câmara Cascudo. Qual relação é possível estabelecer entre o tipo de linguagem predominante no texto e o fato de ele estar em uma contracapa?

Nesse trecho, observa-se uma situação de comunicação formal, em virtude da apresentação de determinado livro ao público leitor. Geralmente, em situações que exigem maior objetividade ou quando nos dirigimos a pessoas com quem temos pouca intimidade, utilizamos **linguagem formal**.

Variedades sociais

3. Leia a seguir o trecho de uma crônica de Luis Fernando Veríssimo.

A História, mais ou menos

Negócio seguinte. Três reis maginhos ouviram um plá de que tinha nascido um Guri. Viram o cometa no Oriente e tal e se flagraram que o Guri tinha pintado por lá. Os profetas, que não eram de dar cascata, já tinham dito o noço: em Belém da Judéia vai nascer o Salvador, e lá falado. Os três maginhos se mandaram. Mas deram o maior fora. Em vez de irém direto para Belém, como mandava o catálogo, resolveram dar uma incerta no velho Herodes, em Jerusalém. Pra quê! Chegaram lá de boca aberta e entregaram toda a trama. Perguntaram: *Onde está o rei que acaba de nascer? Vimos a sua estrela no Oriente e vimos adorá-lo. Quer dizer, pegou mal. Muito mal. [...]*

Luis Fernando Veríssimo. *O nariz & outras crônicas*. São Paulo: Atica, 2005. p. 30. © by Luis Fernando Veríssimo.

2a. Há predominância de linguagem formal. Não há gírias, termos ou expressões informais etc.

2b. A contracapa geralmente apresenta o conteúdo do livro e tenta convencer o interessado a ler o livro. Como a situação exige maior objetividade, é comum a utilização de uma linguagem mais formal.

Figura 3 MARCHETTI, Greta; SOARES, Jairo J. B; PAIVA, Andressa M. Para viver juntos: português, anos finais. - 4. Ed. - São Paulo. Edições SM, 2015.

A atividade que antecede a discussão a respeito da variação situacional permite ao aluno perceber que existem contextos de uso linguístico mais favoráveis, a uma linguagem descontraída, do que outros, como é o caso do conto popular, mais próximo da oralidade. Por meio dessa atividade e da mediação do professor, o aluno é instigado a refletir de que a fala se adequa as diferentes situações comunicativas, bem como seu contexto de produção.

A variação social é apresentada de modo semelhante, dá-se a esta a seguinte definição:

Figura 5. Definição de variação social.

ANOTE

A variação de uso da língua que pode ser observada em um grupo de falantes que compartilham as mesmas características socioculturais (classe socioeconômica, nível cultural, profissão, idade, interesses, hobbies, etc.) recebe o nome de **variedade social**.

Fonte: MARCHETTI, Greta; SOARES, Jairo J. B.; PAIVA, Andressa M. Para viver juntos: português, anos finais. - 4. Ed. - São Paulo. Edições SM. 2015.

Os exemplos que aparecem após a definição praticamente não estão de acordo com a definição dada. Não se apresenta aqui exemplos reais de fala que caracterize a variação social, como fatores de classe, idade, gênero, escolaridade, etc., a maioria das questões tratam da adequação da fala a situação discursiva, mas poucas são as que tratam dos inúmeros fatores que colaboram para a variação social. A seguir, atividades a respeito da variação situacional:

Figura 6. Atividade sobre variação situacional.

REFLEXÃO LINGÜÍSTICA Na prática Responda sempre no caderno.

1. Observe a seguir a tira que mostra o cozinheiro Cuca e o general Dureza.

Recruta Zero, de Greg e Mort Walker.

a) Observe a expressão facial de Cuca. O que ela demonstra ao general?
 b) O cozinheiro Cuca está servindo seu superior. Qual pronome de tratamento indica essa relação hierárquica? O pronome "senhor".

Fonte: MARCHETTI, Greta; SOARES, Jairo J. B.; PAIVA, Andressa M. Para viver juntos: português, anos finais. - 4. Ed. - São Paulo. Edições SM, 2015.

Figura 12. Atividade sobre variação situacional.

2. Observe outra situação de comunicação, agora entre Cuca e o sargento Tainha.

Mort Walker. Recruta Zero, O Globo, Rio de Janeiro, 28 nov. 2005.

a) O que a expressão facial do cozinheiro revela sobre o modo de agir da personagem na situação apresentada?
 b) Qual é o tipo de linguagem utilizado na tira? Cite dois exemplos.
 c) O que essa linguagem revela sobre a relação hierárquica entre as personagens?

Za. A expressão facial do cozinheiro revela certa indiferença e, ao final, animação por atender aos pedidos do sargento.
 Zb. Linguagem informal: "Ah tá?" e "Agora botou muito!"
 Zc. Reivindica as posições de poder entre o cozinheiro e o sargento, no contexto desta tira, são tão distantes.

Fonte: MARCHETTI, Greta; SOARES, Jairo J. B.; PAIVA, Andressa M. Para viver juntos: português, anos finais. - 4. Ed. - São Paulo. Edições SM, 2015.

Essa atividade mostra o contraste entre uma situação formal de uso e uma informal. A caracterização das personagens certamente ajuda o aluno a chegar a esse entendimento, bem como o que é a variedade situacional e os fatores que a ocasionam.

A seguir uma atividade proposta para discussão da variação social:

Figura 13. Atividade sobre variação social.

3. Crie um diálogo entre dois surfistas, utilizando palavras ou expressões usualmente utilizadas por pessoas desse grupo. Para isso, consulte este quadro. *Resposta pessoal*

Dicionário do surfista			
<i>Big rider</i>	surfista que gosta de pegar ondas grandes e sabe surfar nelas	Kaô	"conversa fiada"; "papo furado"
Cabuloso	perigoso; esquisito	Marrento	peessoa convencida; "que se acha"
Casca grossa	surfista muito bom em determinadas manobras; uma situação difícil	Point	qualquer local ou lugar; lugar badalado
Crowd	cheio de gente	Trip	viagem para praticar surfe, geralmente para um lugar com altas ondas
Drop	ato de descer a onda (dropar)	Vaca	tombo; queda na onda

Fonte: MARCHETTI, Greta; SOARES, Jairo J. B.; PAIVA, Andressa M. *Para viver juntos: português, anos finais*. - 4. Ed. - São Paulo. Edições SM, 2015.

75

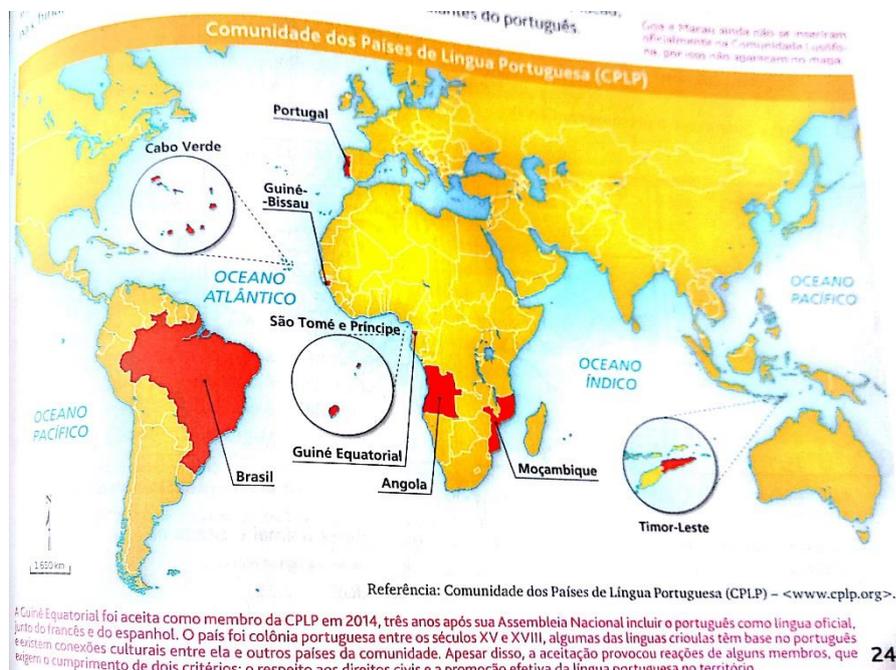
É preciso salientar que há uma grande diversidade linguística entre os alunos nas escolas. Logicamente, um aluno do interior possivelmente não conheça/domine as formas linguísticas utilizadas por determinados grupos urbanos e vice versa, isso em qualquer estado. Não houve portanto esse cuidado por parte dos autores. Ao invés de ser solicitado para o aluno criar frases (em uma forma linguística que possivelmente ele nem domine), seria melhor apresentar uma espécie de diálogo entre pessoas do referido grupo e propor questões a este respeito, bem como diálogos ou entrevistas entre pessoas com aspectos sociais diferentes.

7.1.1. A variação linguística no Livro II

No segundo livro, a variação linguística é apresentada como resultado das inúmeras diferenças entre os falantes, bem como das transformações que aconteceram e acontecem na língua ao longo do tempo. Os autores deixam claro que esses fatores interferem nos usos linguísticos, gerando, assim, diferentes variedades (formas) linguísticas. É importante destacar que os autores colocam um mapa, no qual aparecem todos os países que fazem parte da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), para alertar aos alunos sobre o fato de que uma mesma língua apresenta inúmeras variações. Isso é imprescindível, pois quebra o estereótipo de que o português falado em Portugal é o mesmo falado no Brasil, além disso, os alunos passam a saber que existem

mais países além destes dois que tem falantes de Língua portuguesa, esse mapa pode ser um ótimo instrumento para discutir estas questões. A seguir o mapa:

Figura 14. Comunidade dos países de Língua portuguesa (CPLP).



Fonte: ORMUNDO, Wilton; SINISCALCHI, Cristiane. *Se liga na língua: literatura, produção de texto, linguagem*. - 1. Ed. - São Paulo: Moderna, 2016.

O livro apresenta quatro tipos de variação: a Histórica, a regional, a social e a situacional. Cada tipo de variação é apresentada de forma contextualizada, ou seja, a partir de um texto, em seguida são colocadas algumas questões a respeito do mesmo e posteriormente tem-se uma explicação sucinta, mas ao mesmo tempo completa e reflexiva. Para discussão da variação histórica, o livro traz o seguinte:

Figura 15. Atividade sobre variação histórica.

Leia com atenção os dois primeiros parágrafos da obra *A menina do narizinho arrebitado*, escrita por Monteiro Lobato (1882-1948). O trecho foi transcrito da primeira edição do livro, publicado em 1920 pela Revista do Brasil e pela editora Monteiro Lobato & Cia.

O somno á beira do Rio

Naquella casinha branca, – lá muito longe, móra uma triste velha, de mais de setenta annos. Coitada! Bem no fim da vida que está, e tremula, e cataçega, sem um só dente na bocca – jururú... Todo o mundo tem dó d'ella: – Que tristeza viver sozinha no meio do matto...

Pois estão enganados. A velha vive feliz e bem contente da vida, graças a uma netinha órfã de pae e mãe, que lá móra des' que nasceu. Menina morena, de olhos pretos como duas jaboticabas – e reinadeira até alli!... Chama-se Lucia, mas ninguem a trata assim. Tem appellido. Yayá? Nenê? Maricota? Nada disso. Seu appellido é "Narizinho Rebitado", – não é preciso dizer porque. Além de Lucia, existe na casa a tia Anastácia, uma excellente negra de estimação, e mais a Excellentissima Senhora Dona Emilia, uma boneca de pano, fabricada pela preta e muito feiosa, a pobre, com seus olhos de retroz preto e as sobrancelhas tão lá em cima que é ver uma cara de bruxa.

LOBATO, Monteiro. *A menina do narizinho arrebitado*. São Paulo: Monteiro Lobato & Cia., 1920. p. 3-4. (Fragmento).



Imagem fac-similar da capa da 1ª edição do livro *A menina do narizinho arrebitado*, produzida para homenagear o centenário de nascimento de Monteiro Lobato. São Paulo: Brasiliense, 1982.

Fonte: ORMUNDO, Wilton; SINISCALCHI, Cristiane. *Se liga na língua: literatura, produção de texto, linguagem*. - 1. Ed. - São Paulo: Moderna, 2016.

Os itens “A”, “B” e “C” permitem ao aluno pensar sobre às inúmeras transformações que aconteceram na língua, às mudanças na grafia, por exemplo, entretanto poderia ter sido acrescentado como pergunta, o porquê dessas mudanças, pois há fatores sócio, políticos e econômicos envolvidos nas reformas ortográfica e é essencial que o aluno saiba disso. Os itens “D” e “E” permitem um debate a respeito do preconceito racial, o que é indispensável para o exercício do pensamento crítico dos alunos, bem como a quebra de estereótipos negativos dos negros em sociedade. E por fim, o item “F” traz a reflexão de que a linguagem “revela uma ideologia”, portanto, expressa pensamentos, defesa de pontos de vista, enfim, é um instrumento de persuasão, de poder. Nesse contexto, os autores apresentam a seguinte definição para a variação histórica:

Figura 17. Definição de variação histórica.

Assim como os hábitos e os valores de uma sociedade mudam ao longo do tempo, também a língua varia. Ocorre uma renovação contínua no vocabulário, e algumas palavras deixam de ser empregadas, têm seu uso reduzido, seu sentido modificado ou sua pronúncia alterada. Também as regras de escrita das palavras e as normas gramaticais mudam para acompanhar as alterações realizadas no uso concreto da língua. Esse dinamismo é chamado de **variação histórica ou temporal**.

Fonte: ORMUNDO, Wilton; SINISCALCHI, Cristiane. *Se liga na língua: literatura, produção de texto, linguagem*. - 1. Ed. - São Paulo: Moderna, 2016.

Figura 16. Atividade sobre variação histórica.

Entre 1920 e a atualidade, o Brasil passou por três reformas ortográficas, isto é, três mudanças nas regras de escrita das palavras. Transcreva do texto cinco vocábulos ou expressões que tenham sofrido alterações ao longo do tempo.

b) Que palavras são empregadas mais comumente hoje no lugar de *jururu* e *reinadeira*? *Desanimada, triste, travessa, sapucaia*

c) Releia o trecho “que lá mora des’ que nasceu”. Por que essa é uma construção estranha para o leitor atual?

d) Tia Anastácia é apresentada como uma “excellente negra de estimação”. Qual era a provável função dessa personagem na casa?

e) A abolição da escravatura aconteceu em 1888, portanto três décadas antes da publicação dessa obra de Monteiro Lobato. Como se explica, então, o uso da expressão “negra de estimação” e seu tratamento por “preta”?

f) Com base na reflexão proposta no item e, explique como a linguagem revela a ideologia em vigor no contexto histórico do início do século XX. Expressões como as citadas para referir-se a tia Anastácia seriam aceitáveis nos dias de hoje?

4. (F) O uso da expressão “negra de estimação” e o tratamento por “preta” revelam que, naquele momento histórico, não havia consciência por parte de muitas pessoas acerca do preconceito presente nas relações sociais e evidenciado na linguagem. Atualmente, seriam inaceitáveis construções como essas.

Assim como os hábitos e os valores de uma sociedade mudam ao longo do tempo, também a língua varia. Ocorre uma renovação contínua no vocabulário, e algumas palavras deixam de ser empregadas, têm seu uso reduzido, seu sentido modificado ou sua pronúncia alterada. Também as regras de escrita das palavras e as normas gramaticais mudam para acompanhar as alterações realizadas no uso concreto da língua. Esse dinamismo é chamado de **variação histórica ou temporal**.



No século XX ocorreram avanços na discussão sobre a inserção do negro na sociedade brasileira. Qual lei define os crimes raciais no Brasil e em que ano ela foi criada?

Trata-se da lei 7716, conhecida como 'Lei do Racismo'. Foi criada em 1968 e se tornou conhecida como 'Lei de 77'.

Fonte: ORMUNDO, Wilton; SINISCALCHI, Cristiane. *Se liga na língua: literatura, produção de texto, linguagem*. - 1. Ed. - São Paulo: Moderna, 2016.

Para a discussão da variação social tem-se:

Figura 18. Atividade sobre variação social.

As gírias substituem palavras formais da língua e pertencem ao vocabulário específico de certos grupos, como os esquetistas ou os "funkeiros". Assim como as demais palavras, elas também sofrem a influência do tempo, e é bastante comum que deixem de ser usadas. Sua bisavó ou avó podem ter dito, em algum momento, que certo ator bonito era um "pão"; hoje, acharíamos graça se uma garota dissesse algo semelhante.

Fonte: ORMUNDO, Wilton; SINISCALCHI, Cristiane. *Se liga na língua: literatura, produção de texto, linguagem*. - 1. Ed. - São Paulo: Moderna, 2016.

Essa atividade é muito rica, no sentido de que traz uma reflexão a respeito das diferenças sociais entre os falantes da língua, que repercute na forma como se fala, pois a maneira como cada um se expressa representa sua identidade. No item "A" poderia se acrescentar "por que o extraterrestre não conseguiu compreender a forma como o homem falou? Isso traria mais clareza para o aluno quanto os fatores sociais que influem na comunicação dos falantes.

Após essa atividade traz-se a definição das gírias (presente na tirinha), visando um entendimento maior a respeito da atividade proposta:

Figura 19. Definição de gírias.

5. Leia a tirinha a seguir, com o personagem Omar Ciano, do cartunista paulista Célio Barbosa.

OMAR CIANO
OLÁ! MEU NOME É OMAR CIANO, E APRENDI A SUA LÍNGUA PARA ME COMUNICAR MELHOR!

PÔ, MANO! DA HORA! A CAMBADA VAI PIRÁ N'ORA QUE EU FALÁ ESSA PARADA PR' ELES!

ISSO VAI SER MAIS DIFÍCIL DO QUE EU PENSAVA!

5. a) O humor da tira é construído sobre uma quebra de expectativa do extraterrestre. O que a provoca? O extraterrestre aprendeu português para se comunicar com os habitantes do local onde sua nave pousou, mas não consegue entender o que o interlocutor está dizendo.

b) É possível concluir que outros falantes também se sentiriam "ETs" diante desse uso da língua portuguesa? Por quê?

5. b) Sim. O uso de termos como esses, considerados gírias, é uma marca de identidade e, em alguns casos, torna a linguagem inacessível ou de difícil compreensão para os demais falantes.

244

Fonte: ORMUNDO, Wilton; SINISCALCHI, Cristiane. *Se liga na língua: literatura, produção de texto, linguagem*. - 1. Ed. - São Paulo: Moderna, 2016.

A variação regional quase não é trabalhada no livro, só há uma questão para seu tratamento e em seguida a definição:

Figura 20. Atividade sobre variação regional.

8 A seguir, você lerá a transcrição da introdução de um vídeo preparado por estudantes de Jornalismo de Recife para alunos de todo o Brasil que se reuniram em um congresso na cidade. Algumas palavras foram destacadas em glossário por fazerem parte do vocabulário da população local.

Sugerimos que o vídeo seja apresentado aos alunos para que possam, ao lado do trabalho com o léxico, observar como a pronúncia das palavras assume particularidades nas várias regiões do Brasil.

É numa **farra** só que a Universidade Católica de Pernambuco convida a todos os comunicadores do Brasil a se **aprochegarem**. Pode ser **galego**, pode ser **pixototinho**, pode ser **galalau** ou pode ser **chocho**. Não tem **arenga**, não tem **munganga** e muito menos **pantim**. Aqui todo mundo é bem-vindo. Não carece de **aperreio**. Basta só **laxar** os cintos, chegar e aproveitar.

Não entendeu nada? Não tem problema: a gente explica. Em um país tão cheio de culturas e costumes, Pernambuco é um dos estados que mais se destacam pela quantidade de gírias da população local. E, pra ninguém ficar perdido quando chegar aqui, a gente conta um pouquinho das manias que nosso vocabulário nordestino tem.

Transcrição da abertura do vídeo do Intercom Nacional 2011 (Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação). Disponível em: <<http://www.unicap.br/intercom2011/?p=803>> ou <<https://www.youtube.com/watch?v=G7WEH2rBzlg>>. Acesso em: 23 jul. 2015. (Fragmento).

Farra: festa, animação.
Aprochegarem: aproximar.
Galego: loiro.
Pixototinho: pequeninho.
Galalau: grandão.
Chocho: franzino, magrinho.
Arenga: briga, discussão.
Munganga: reclamação.
Pantim: frescura.
Aperreio: preocupação, chateação.
Laxar: soltar, afrouxar.

Figura 21. Atividade sobre variação regional.

- a) O que os estudantes pretendem com o vídeo? Ensinar o sentido de algumas palavras usadas regionalmente para os leitores que não as reconheceram.
- b) Para os autores do vídeo, o que explica o fato de existirem variações linguísticas regionais? O fato de o Brasil ser um país muito rico em culturas e costumes.
- c) Você mora em Pernambuco ou em uma região próxima desse estado?
- Se a resposta for afirmativa, cite mais palavras que poderiam ser incluídas em uma lista de termos regionais interessantes para quem visita o estado.
 - Se a resposta for negativa, responda: uma ou mais palavras em destaque é (são) usada(s) em sua região com um sentido semelhante ao que foi apresentado? Qual(is)? E com sentido diferente? Explique.

Resposta pessoal. Aproveite esta atividade para mostrar aos alunos que a língua é enriquecida com as variações regionais.

Fonte: ORMUNDO, Wilton; SINISCALCHI, Cristiane. *Se liga na língua: literatura, produção de texto, linguagem*. - 1. Ed. - São Paulo: Moderna, 2016.

Fonte: ORMUNDO, Wilton; SINISCALCHI, Cristiane. *Se liga na língua: literatura, produção de texto, linguagem*. - 1. Ed. - São Paulo: Moderna, 2016.

A atividade proposta sem dúvidas leva o aluno a refletir sobre o que ocasiona a variação regional e permite que ele conheça algumas formas linguísticas típicas dos falantes de Pernambuco, caso não as conheça. Os autores colocam até como sugestão que os professores passem o vídeo para os alunos, com certeza uma proposta muito válida. Apesar disso, os autores ainda deixam a desejar, pois já que o assunto é variação regional, o mais lógico seria trazer diferentes exemplos de variedades regionais presente em cada uma das regiões brasileiras, trazer diálogos, entrevistas, etc., e com base nisso uma discussão que permitisse reflexão e desconstrução de preconceitos.

Boa parte dos livros didáticos que chegam às escolas brasileiras são produzidos em São Paulo, o que é o caso dos livros citados aqui. Os autores não demonstram uma sensibilidade para o fato de que estudantes do Nordeste ou norte do país, por exemplo, receberão estes livros, que não tem nada que represente sua língua e cultura. O livro parece ser feito exclusivamente para uso de estudantes da região sudeste, Centro-Oeste ou Sul. Esta é uma questão que merece atenção, pois há quase que somente uma representação de identidade linguística no livro, sendo que a realidade do Brasil é extremamente diversa. É preciso lembrar que a língua é heterogênea, e essa mistura linguística e cultural precisa se fazer presente no livro. Ele só passará a dar voz ao aluno quando servir de base para a representação de suas identidades. Quebra-se então, a

expectativa gerada quando os autores, na apresentação do livro dizem que irão dar voz ao aluno.

Quanto ao tratamento da variação situacional, os autores demonstram a preocupação em mostrar para o aluno que existe o processo de “**adequação linguística**”, ou seja, que de acordo com as situações comunicativas ele irá adaptar sua fala. Além disso tocam na questão do preconceito linguístico, como sendo um “**erro na compreensão do funcionamento da língua**”. E também que a língua é uma marca de identidade dos grupos sociais. Como exposto nos trechos a seguir:

Figura 22. Considerações quanto a variação situacional.

A variedade linguística desse falante é bastante comum nas periferias das grandes cidades da região Sudeste, sendo usada principalmente por jovens. No entanto, mesmo aqueles que não participam desse grupo social compreendem o relato sem grande dificuldade. Isso acontece porque os falantes de uma língua não conhecem apenas uma de suas variedades; conhecem e empregam muitas delas, escolhendo a mais adequada para cada situação.

Toda forma de comunicação pela língua pressupõe o **processo de adequação**. O falante seleciona, dentro de seu repertório linguístico, as formas mais adequadas às finalidades específicas da comunicação em que está envolvido, considerando seus interlocutores, o assunto de que trata e o local em que se dá a comunicação.

Não há uma única língua correta, e, mesmo antes de se iniciarem os estudos formais da língua na escola, o falante já a utiliza com eficiência, interagindo com os outros falantes, compreendendo e sendo compreendido. O papel da escola é o de aprimorar esse uso, colocando o estudante em contato com os modos de escrever e de falar dos cidadãos que têm maior prestígio social. Esses modelos serão necessários para a continuidade da vida escolar, para o acesso a certas manifestações culturais, como a literatura, e para a comunicação em várias situações sociais e profissionais, sobretudo aquelas mais formais.

Fonte: ORMUNDO, Wilton; SINISCALCHI, Cristiane. *Se liga na língua: literatura, produção de texto, linguagem*. - 1. Ed. - São Paulo: Moderna, 2016.

Figura 23. Considerações quanto a variação situacional.

Ainda que fundamentais para o acesso a certos universos, como o acadêmico, as variedades urbanas de prestígio não devem ser vistas como “a língua correta”. Cada vez mais os falantes estão rejeitando o preconceito em relação à língua e à cultura de grupos que são menos privilegiados socialmente, como aqueles do meio rural ou aqueles menos escolarizados. Afinal, o **preconceito linguístico** revela um grave erro na compreensão do funcionamento da língua.

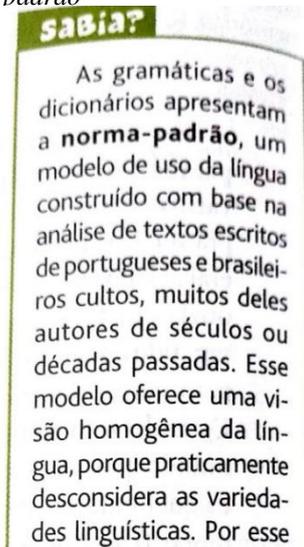
A maneira como uma língua é utilizada é uma das principais **marcas de identidade** de um grupo social, e não se deve acreditar que o uso de formas diferentes daquelas prestigiadas seja evidência de incapacidade ou de menos inteligência. Não obstante, deve-se garantir a todos o direito de ampliar seu conhecimento dos recursos da língua, tornando-os aptos a realizar todas as práticas que envolvem a linguagem.

A adequação linguística pressupõe a escolha de um nível de fala ou registro apropriados. O **nível formal** está relacionado a um comportamento linguístico mais refletido, em que se espera o respeito às formas escolhidas pelas variedades prestigiadas, já que se aplica a situações de maior formalidade. O **nível coloquial**, por sua vez, indica um comportamento mais distenso, inclinado a não seguir com rigor tais formas e a incluir expressões populares, gírias etc. Os dois níveis não se colocam como polos opostos e isolados, mas como referências entre as quais se propõem as várias situações de comunicação, que podem se aproximar mais ou menos de um ou de outro.

Fonte: ORMUNDO, Wilton; SINISCALCHI, Cristiane. *Se liga na língua: literatura, produção de texto, linguagem*. - 1. Ed. - São Paulo: Moderna, 2016.

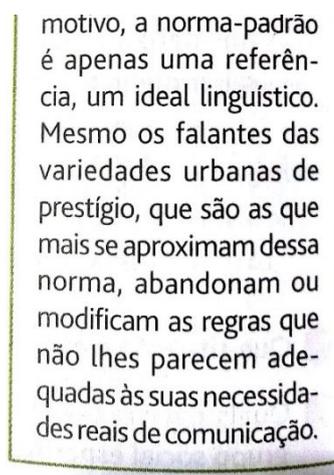
Outro ponto interessante é a forma como os autores trazem a definição de norma-padrão. Diferente do livro 1, este entende que esta não é uma variedade real da língua, ao contrário, é uma norma idealizada. A seguir a definição:

Figura 24. Definição de norma-padrão



Fonte: ORMUNDO, Wilton; SINISCALCHI, Cristiane. *Se liga na língua: literatura, produção de texto, linguagem*. - 1. Ed. - São Paulo: Moderna, 2016.

Figura 25. Definição de norma-padrão.



Fonte: ORMUNDO, Wilton; SINISCALCHI, Cristiane. *Se liga na língua: literatura, produção de texto, linguagem*. - 1. Ed. - São Paulo: Moderna, 2016.

Uma atividade que se destaca é a seguinte:

Figura 26. Atividade de reflexão linguística.

Reflexão sobre a LINGUA

Veja a transcrição da apresentação de uma série de reportagens intitulada "A língua que a gente fala", exibida no telejornal Hoje de 18 de março de 2015 pela Rede Globo.

Sandra Annenberg: Tá ligado na série que a gente vai começar hoje? É que a gente fala. Vou chamar um câmera, quer ver? O Antonelli, vem ni mim, Antonelli. Filma eu, veio. Cê tá achando que o jeito que eu tô falando tá errado? Bom, muitos linguistas conceituados que não tem essa de certo ou de errado. O importante é que a gente se faça entender, não é mesmo?

Sandra Annenberg: Isso é o mais importante, sem dúvida nenhuma: a comunicação, né? Agora, se é pra escrever um trabalho, assim, falar em público como a gente, tem que saber a norma culta da língua, né? E todas as regras gramaticais. Mas até a escrita muda, aos poucos vai absorvendo as mudanças da fala, ainda mais com a internet, né?

Evaristo Costa: É isso que a gente vai ver. A repórter Anna Zimmerman esteve em quase todas as regiões do país pra mostrar a língua sem retoque, a língua que a gente fala. É o tema de uma série de reportagens que a gente começa a exibir a partir de hoje. Taca-le pau!

Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2015/03/serie-do-jornal-hoje-fala-solve-lingua-coloquial-falada-nas-ruas.html>>. Acesso em: 24 jul. 2015. (Fragmento).

SABIA?

As transcrições são textos que procuram preservar as características da fala, mantendo, por exemplo, repetições, hesitações, interrupções e certas marcas de conversa, como *né* ou *tá*.

1. c) Resposta pessoal. Espera-se que os alunos apontem como acerto as informações de que...

De propósito, apresente a seus alunos esse diálogo e a reportagem a que se refere.

No trabalho com textos falados, predominarão adaptações das normas técnicas de transcrição, por considerarmos que essas técnicas se aplicam a estudos demasiadamente específicos, que não condizem com o curso de Ensino Médio. Procuraremos manter, no entanto, as formulações linguísticas originais, com os marcadores de conversa, as pausas e outras marcas características, de modo a favorecer o estudo de aspectos da fala. As transcrições foram produzidas para a coleção.

Fonte: ORMUNDO, Wilton; SINISCALCHI, Cristiane. *Se liga na língua: literatura, produção de texto, linguagem*. - 1. Ed. - São Paulo: Moderna, 2016.

Essa proposta de trazer uma transcrição de áudio em formato escrito e em áudio mesmo, como é sugerido no livro, é essencial no estudo de variação, pois a transcrição é fiel a fala e forma linguística do falante, revelando a identidade daquela pessoa, e o aluno precisa ser levado a ter ciência disso. Sem dúvidas, atividades como estas são cruciais.

Além da variação linguística, foco principal da unidade de Linguagem, outros aspectos são trabalhados como a reflexão acerca da língua enquanto instrumento de comunicação, mencionando-se portanto, às funções da linguagem e os diferentes efeitos de sentido produzidos em um texto. Percebe-se então, um trabalho mais reflexivo, mas apesar disso, aparecem capítulos, na mesma unidade, ainda relacionados à variação, mas àquela que diz respeito a escrita, logo, questões relacionadas a fonética e ortografia, estas são abordadas de forma metalinguística, ou seja, o intuito é mostrar como às palavras devem ser escritas, acentuadas, bem como a classificação dos fonemas da língua, não ocorrendo necessariamente reflexão quanto a isso. Para tratar das diferenças entre fala e escrita é apresentada o seguinte:

Figura 27. Atividade de reflexão linguística.

1. c) Resposta pessoal. Espera-se que os alunos apontem como acerto as informações de que imente uma norma linguística e de que a precisão adequada a língua em situações comunicativas. Eles devem questionar o uso da expressão norma culta e a afirmação de que é necessário saber "todas as regras gramaticais", uma vez que algumas delas são apenas parâmetros da norma-padrão, pouco efetivas no uso concreto da língua. Professor. Este é um bom momento para checar a compreensão da importante reflexão sobre o uso da língua. Sugerimos que haja uma ampla discussão oral dessa resposta e que se conceda tempo aos alunos para que sistematizem por escrito.

1. e) A expressão a língua sem toque parece indicar a líng popular, mais espontânea, é, menos preocupada em seguir as formas das variedades urbanas de prestígio.

a) Que estratégia os apresentadores empregaram para introduzir a série de reportagens preparadas para o telejornal? Empregaram termos e expressões comuns na linguagem dos telejornais.

b) Durante essa apresentação, os jornalistas riram diversas vezes. O que pode tê-los divertido? Provavelmente, riram por haver um forte contraste entre a linguagem que costumam empregar e a variedade linguística limitada, associada aos jovens.

d) Na sua opinião, o texto de apresentação da série mostra um bom conhecimento dos fenômenos que envolvem a variação linguística e o aspecto adequação? Por quê?

d) A repórter responsável pela série, Anna Zimmerman, viajou pelo país a fim de obter informações para fazer seu trabalho. Que importância tem essa iniciativa? A estada da repórter em partes diferentes do país indica a preocupação do telejornal em representar as variações regionais.

e) O apresentador chama a "língua que a gente fala" de a língua sem retoque. O que essa expressão significa no contexto da fala dele?

f) A segunda fala da apresentadora revela marcas bastante típicas da oralidade, evidenciando que ela não está lendo um texto. Quais são essas marcas? Ela usa dois marcadores de conversa: *né* e *assim*.

Fonte: ORMUNDO, Wilton; SINISCALCHI, Cristiane. *Se liga na língua: literatura, produção de texto, linguagem*. - 1. Ed. - São Paulo: Moderna, 2016.

Figura 28. Atividade

1 No começo, o rato se finge de morto propositalmente para surpreender as meninas. Como o leitor percebe que se tratava de uma estratégia do personagem?

2 No segundo quadrinho, de que maneira é sugerido que as meninas preferem rato morto a rato vivo? A segunda escrita da frase "Que nojo!" é feita com letras maiores e mais escuras, o que sugere uma pronúncia em voz mais alta. Esse aspecto, acompanhado pelas expressões faciais e pela linguagem corporal, indica uma reação mais negativa ao rato vivo.

3 O que Niquel Náusea conclui no último quadrinho? Explique por que as duas formas como as meninas pronunciaram a frase "Que nojo!" são importantes para que o rato chegue a essa conclusão. A segunda forma de pronunciar "Que nojo!" é mais intensa que a primeira, sugerindo que o incômodo aumenta com a percepção de que o rato está vivo. Para Niquel Náusea, isso não faz sentido, por isso ele conclui que é difícil entender o comportamento feminino.

4 A última fala do rato repete certa visão que circula na sociedade sobre o sexo feminino. Que ideia está sendo retomada nessa fala? Por que ela é preconceituosa?

A imagem do primeiro quadrinho indica total imobilidade e contraste com a do segundo, em que o rato se levanta e grita que está vivo. A pontuação da fala dele, constituída por duas exclamações, sugere uma entonação animada, brincalhona.

A fala retoma a ideia de que é muito difícil compreender o modo de pensar.

Fonte: ORMUNDO, Wilton; SINISCALCHI, Cristiane. *Se liga na língua: literatura, produção de texto, linguagem*. - 1. Ed. - São Paulo: Moderna, 2016.

Essas questões trazem à tona diferenças cruciais entre fala e escrita, como a expressão facial e corporal, a entonação de voz, etc., típicas da oralidade e os sinais de pontuação, por exemplo, representando a escrita. Essa atividade permite que o professor gere uma discussão, fazendo um paralelo entre fala e escrita, mostrando ao aluno o quanto a escrita tenta reproduzir o que é expresso por meio da fala, mas isso não substitui suas características próprias. Ambas se complementam, as duas são complexas, válidas e devem ser respeitadas. Os autores trazem algumas considerações quanto a essa diferença:

Figura 29. Considerações quanto as modalidades de fala e escrita.

Nos gêneros... em quadrinhos, os textos escritos em balões procuram imitar uma conversação. O tamanho, a cor e o tipo de letra, assim como a pontuação, gestos, expressões faciais e outros recursos da linguagem não verbal complementam as ideias transmitidas pelas palavras. Afinal, em uma interação face a face, os interlocutores não precisam dizer tudo; o próprio corpo comunica uma série de informações, como rejeição, dúvida, concordância, irritação etc. Também a presença de certos elementos no contexto pode dispensar a menção deles, como acontece quando, numa conversa, apontamos algo com a mão ou com o olhar.

Nesses gêneros, a língua escrita procura aproximar-se da língua falada, reproduzindo suas particularidades. Tal reprodução, entretanto, é bastante limitada, porque a língua escrita não é uma transcrição da fala; há especificidades na produção das duas modalidades.

A fala e a escrita são duas modalidades da língua. A primeira é marcada pela matéria fônica percebida pela audição; a segunda, por sinais gráficos convencionais – letras, acentos gráficos e sinais de pontuação, principalmente. Além da diferença material, as modalidades terão particularidades derivadas das diferentes condições de produção.

Fonte: ORMUNDO, Wilton; SINISCALCHI, Cristiane. *Se liga na língua: literatura, produção de texto, linguagem*. - 1. Ed. - São Paulo: Moderna, 2016.

Figura 33. Atividades de reflexão sobre a língua.

Refletindo sobre a língua

1 Leia uma tirinha de Jim Davis, em que Garfield aparece gripado.

a) Que recurso verbal o produtor da tira empregou para sugerir que o gato estava com gripe? Ele substituiu as letras n e p por ã, procurando imitar uma troca de fonemas comum às pessoas que falam com o nariz entupido.

b) A palavra *entupido* tem números diferentes de letras e de fonemas. Quantas letras e quantos fonemas ela tem? Por que isso acontece? A palavra tem 8 letras e 7 fonemas. Por conter um dígrafo.

c) Que grafias usadas na tira nos mostram uma oscilação entre representar a fala e a escrita? A grafia *estou* mostra que o produtor seguiu as convenções da escrita, e a grafia *tô* evidencia que ele procurou imitar a pronúncia da palavra em situação informal.

d) O que Garfield quis "dizer" com "Tô entubido até nas ideias"? O gato quis "dizer" que a gripe foi tão forte que afetou até as suas ideias (talvez de fazer alguma travessura, de abdicar uma guloseima ou mesmo de apresentar algum pensamento para o leitor).

Fonte: ORMUNDO, Wilton; SINISCALCHI, Cristiane. *Se liga na língua: literatura, produção de texto, linguagem. - 1. Ed. - São Paulo: Moderna, 2016.*

As três questões permitem uma interpretação crítica, fazendo o aluno refletir sobre os efeitos de sentido no texto, bem como diferenças entre fala e escrita, e percebe-se um interesse em trabalhar questões fonéticas, como a questão dos dígrafos, na 1 questão, diferença entre som e letra, como se propõe nas questão 2 e 3, e isso é colocado de forma contextualizada.

Entretanto uma das questões, supostamente para reflexão da língua, não cumpre esta função:

Figura 34. Atividade de reflexão sobre a língua.

Conheça as estrofes iniciais do poema "Cante lá, que eu canto cá", de Patativa do Assaré.

Poeta, cantô de rua,
Que na cidade nasceu,
Cante a cidade que é sua,
Que eu canto o sertão que é meu.

Se aí você teve estudo,
Aqui, Deus me ensinou tudo,
Sem de livro precisá
Por favô, não mexa aqui,
Que eu também não mexo aí,
Cante lá, que eu canto cá.

Você teve inducação,
Aprende munta ciência,
Mas das coisa do sertão
Não tem boa esperiência.
Nunca fez uma paioça,
Nunca trabaiou na roça,
Não pode conhecê bem,
Pois nesta penosa vida,
Só quem provou da comida
Sabe o gosto que ela tem.
[...]

ASSARÉ, Patativa do. Cante lá, que eu canto cá. Rio de Janeiro: Vozes, 1978. (Fragmento).

O poeta cearense Antônio Gonçalves da Silva (1909-2002), o Patativa do Assaré, costumava produzir seus textos mentalmente e declamá-los, prática que permitia uma melhor apreciação dos recursos de ritmo, entonação e performance (expressões faciais e gestos).

Se possível, acesse um dos vários sites que disponibilizam o áudio do poema declamado por Assaré. 267

Fonte: ORMUNDO, Wilton; SINISCALCHI, Cristiane. *Se liga na língua: literatura, produção de texto, linguagem. - 1. Ed. - São Paulo: Moderna, 2016.*

Figura 35. Atividade de reflexão sobre a língua.

a) O poema é construído sobre uma antítese, isto é, uma relação entre ideias contrastantes. Que elementos são colocados em oposição? Como eles se caracterizam? O poema opõe o poeta da cidade, que recitava seus poemas formal, e o poeta do sertão, que recitava os seus com espontaneidade e performance, e mais capaz de cantar a vida rural.

b) A linguagem evidencia marcas de uma variedade linguística regional brasileira. Qual? A variedade regional dos grupos que habitam o sertão nordestino brasileiro.

c) Analise e compare as formas *paioca* e *trabaiou*, que aparecem no poema, com as formas *pálhoça* e *trabalhou*. Que diferença você observa em relação à grafia e à pronúncia entre os dois pares de palavras?

d) Essa diferença na grafia das palavras alterou o número de letras e de fonemas em cada uma delas? Explique.

e) Observe como foram escritas as palavras *cantô*, *precisá*, *favô* e *conhecê*. Que letra foi suprimida em todas elas? A letra r.

f) Os acentos circunflexos foram colocados nessas palavras por razões relativas à modalidade oral ou escrita? Explique o que você entendeu a respeito disso. A modalidade escrita. Espera-se que os alunos concluam que os acentos foram colocados porque, com a supressão do r, as palavras, que já eram oxítonas, passaram a terminar em a, e e o.

4. c) O dígrafo de *palhoça* e *trabalhou* muda o número de letras e de fonemas. palhoça e trabalhou mudam também o número de fonemas.

4. d) O número de fonemas manteve-se em cada palavra, que o dígrafo só representa um único som, mas há redução no número de letras.

Fonte: ORMUNDO, Wilton; SINISCALCHI, Cristiane. *Se liga na língua: literatura, produção de texto, linguagem. - 1. Ed. - São Paulo: Moderna, 2016.*

Utiliza-se o poema do poeta Patativa do Assaré, apenas como um pretexto para se trabalhar questões fonéticas e ortográficas, isto é, engessando o texto como um pretexto, deixando-se de lado uma oportunidade de discutir a riqueza presente na poesia, permitir ao aluno conhecer um pouco desse poeta, seu contexto de produção, bem como os aspectos sociais e ideológicos retratados na poesia de patativa.

No tópico seguinte será apresentado a análise e discussão das entrevistas.

8. ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS ENTREVISTAS

De acordo com, Cardoso et al. (2011, p. 3. Apud. BOGDAN & BILLEN, 2010), “uma entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo.”

Sabendo disso, a análise das entrevistas neste estudo teve por objetivo observar como se dá a atuação dos professores de Língua Portuguesa, do ensino Fundamental e Médio, em relação ao tratamento do livro didático. Para tanto, alguns aspectos foram estabelecidos, como expostos e discutidos a seguir:

1) O professor demonstra conhecimento acerca da variação linguística?

A professora 1 demonstra compreender o que é variação linguística, bem como sua importância na luta contra preconceitos. Ela parece ter preocupação em fazer o aluno perceber que sua forma linguística não é errada, é só mais uma variedade da língua, que deve ser respeitada. Para tanto, a professora busca trabalhar a variação com os alunos de forma contextualizada, a partir de textos autênticos como as músicas, que, segundo ela, faz parte da realidade deles, principalmente letras de funk, o que acaba tornando mais fácil a compreensão. A professora busca fazer também uma espécie de associação entre a variação linguística e outros conteúdos estudados, para que, as discussões não “caiam” no esquecimento.

A professora 2 demonstra pouco conhecimento a respeito da variação linguística e parece ficar presa a metodologias tradicionais de ensino. Ela não demonstra se importar muito em fazer com que o aluno entenda os conteúdos e reflita sobre eles, parece mais empenhada em querer seguir as normas da escola. Pelo que ela expôs, são poucos os exemplos que a professora traz para sala de aula, a respeito da variação linguística, exemplos como pedir para o aluno lembrar como seus pais ou avós falam, etc. Além disso, a professora apresenta uma visão um tanto deturpada quanto à variação linguística, quando diz que variação é “uma característica de pessoas que não estudaram”. A seguir um trecho da entrevista que comprova esta afirmação:

Houve algumas vezes que a gente trabalhou a parte de... de literatura de cordel, né, a gente já fez exposição quando eu tava no 1º ano, em turmas de 1º ano a gente trabalhou bastante é... O cordel, a estrutura, **autores que tem essa característica da variação né, essas pessoas principalmente que não**

estudaram que fazem esses repentes e tudo mais, a gente já trabalhou sim, fazendo momento só de cordel, de exposição, além do livro.

Infelizmente esse equívoco é muito comum e esperado de pessoas que não conhecem o funcionamento da língua, mas, quando defendido por um professor de Língua Portuguesa, causa graves efeitos nos alunos, pois, quando o professor afirma que o aluno “fala errado”, ele mostra para o aluno uma série de erros: sua família, história, cultura, identidade, pois a língua aprendida por esse aluno, antes de ingressar na escola, foi constituída em um espaço social, histórico, cultural e que estão sendo colocados como menor em relação a língua de prestígio que a escola impõe.

Ao professor, cabe criar o conhecimento, levar os alunos a refletirem, a desenvolverem seu juízo crítico, formar o cidadão de um estado democrático. De um cidadão numa democracia exige-se senso crítico, capacidade de julgar entre alternativas e escolher a que lhe pareça melhor. Dele se exige ampla exposição à variedade de possibilidades, à variedade de entendimentos, e também a variedades de uso da língua portuguesa.

É preciso o quanto antes olhar para as universidades e ver como está a formação dos novos e futuros professores, na tentativa de que estes tragam às práticas escolares as bases teóricas que são discutidas na academia, que foram pensadas para trazer mudança de atitude e não simplesmente para servir como um conteúdo a mais na grade curricular das universidades.

Não menos importante, são os professores que já atuam a um bom tempo, precisa-se de propostas de formações mais específicas para estes professores, períodos de “reciclagem”, que nada mais é do que um momento para aprimorar seus conhecimentos, para que equívocos como o citado, sejam desfeitos e evitados.

A variação linguística não é uma característica de pessoas que não estudaram, ela é um fenômeno natural que explica as mudanças que acontecem nas línguas, decorrentes de fatores internos a ela e externos, como já fora discutido neste trabalho. A variedade linguística, aí sim, diz respeito à forma que cada indivíduo ou grupo se expressa. O cordel é uma manifestação artística e cultural, que faz parte tanto da cultura erudita como da popular, portanto, produzido por pessoas cultas e não cultas.

2) Que tipo de abordagem teórica-metodológica, o professor adota para o tratamento com a variação e gramática?

Percebe-se que a abordagem das duas professoras é diferente. Enquanto a professora 1 parece trabalhar com uma proposta mais reflexiva, tomando o texto como unidade de ensino e permitindo a reflexão, a professora 2 parece estar ainda presa a gramática normativa e aos métodos tradicionais de ensino, preocupando-se mais em seguir normas e prescrições da escola, do que em contribuir com o exercício da criticidade do aluno.

A relação entre a prática de ensino das professoras e o livro didático será apresentada a seguir.

9. A RELAÇÃO ESTABELECIDADA ENTRE OS (AS) PROFESSORES (AS) E O LIVRO DIDÁTICO

As duas professoras fazem críticas quanto ao livro didático, mas há uma diferença interessante quanto a isso. Enquanto a professora 1 diz que o livro não contempla a variedade do aluno e traz a gramática de forma muito resumida, a professora 2 em momento algum lamenta o fato de o livro não trazer a variação linguística de forma aprofundada, nem uma linguagem mais simples e acessível ao aluno, pelo contrário; ela diz que o livro é bom na parte de gramática, e critica o livro por ser resumido na parte de literatura e, principalmente por não trazer prontas questões do tipo que a escola está acostumada a trabalhar em provas (da própria escola) e externas também, que são questões de múltipla escolha, e acrescenta que é irresponsabilidade do aluno, o fato de ele não compreender a linguagem do livro. A seguir a fala da professora 2:

Eu acho que não seja nem tanto a questão do livro mas os próprios alunos né, nós temos alunos aqui que tem muita dificuldade então o livro se torna não tão acessível, por conta dessas dificuldades que o aluno traz, ao decorrer da vida escolar. É, tem alunos que conseguem direitinho ne, mas eu não vejo que seja um problema só do livro, mas da própria bagagem que o aluno traz. Tem alunos aqui com muita dificuldade, até mesmo de leitura, de compreensão ne, a escrita, a compreensão é muito difícil então o livro se torna um pouco difícil pra eles por conta disso, da bagagem que eles não tem e que deveriam ter, então é difícil.

Ainda falando sobre o livro, a professora 2 acrescenta:

Mas particularmente na literatura eu não gosto muito assim, no sentido de não é que ele não tenha, ele tem mas é muito resumido. **Ele não traz assim, um aprofundamento e se a gente quer algo mais profundo a gente tem que buscar outros recursos né,** a gramática dele vem, traz algumas questões, mas não são as questões que a gente tá acostumado, múltipla escolha, não tem muita, é mais aquela de perguntas e respostas ne, aquela mais assim que a gente não tá tão acostumado com as provas, aquelas de múltipla escolha, então ele trabalha muito mais aquela direcionada, o que é isso, o que é aquilo, comparação... então ele peca um pouco nisso. Mas ele traz os assuntos, mas eu prefiro que ele fosse na literatura um pouco mais aprofundado.

A professora 2 mostra uma certa acomodação e busca trabalhar mais com o livro didático, achando trabalhoso ter que ir atrás de outros recursos. É possível perceber isso

no trecho em negrito. Esse desinteresse dos professores pela teoria, pela pesquisa, pela busca de outros meios além do livro, segundo Antunes (2003, p. 40):

[...] Pode significar também uma incompreensão do que seja “teoria” e “prática”, de como uma e outra se interdependem ou se alimentam mutuamente. Como pode também significar ainda uma certa acomodação dos professores, que, passivamente, esperam que alguém venha dizer a eles o que fazer e como fazer, dispensando-os, assim, o trabalho constante de estudar, de “estar atentos”, de pesquisar, de avaliar, de criar, de inventar e reinventar sua prática, o que naturalmente supõe fundamentação teórica, ampla, consistente e relevante.

Enfim, tem-se aparentemente de um lado uma professora comprometida com a missão de tornar o ensino mais proveitoso e mais compreensível para os alunos e, de outro, uma professora que quer seguir as normas da escola, como ensinar ao aluno a ter domínio sobre a norma culta, o que não é errado, mas não é feito de forma esperada e adequada, sem repulsa e/ou preconceitos contra outras variedades da língua, como orientam os PCN (1997).

Vale ressaltar que a professora 2 atua na área de Língua Portuguesa há 10 anos, que corresponde mais ou menos à quantidade de tempo que ela se formou, enquanto a professora 1 atua há um ano e ainda está em processo de conclusão do curso. Essa observação é importante porque vem ratificar o quanto é essencial a constante atualização do professor. Uma boa formação sem dúvida faz toda a diferença na prática docente, mas é responsabilidade do professor a busca incessante do conhecimento, já que ele é um mediador de conhecimentos.

Acreditamos que é necessário o professor ir além dos limites de qualquer livro didático e oferecer ao aluno oportunidades de explorar o riquíssimo terreno do português, visto de perto, junto ao contexto do texto, sem partilhar conceitos, rotular palavras e castrar o interesse do seu aluno.

10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de a variação linguística e ensino de língua portuguesa ser um assunto há muito debatido e pesquisado na esfera acadêmica, de acordo com Ormezinda (2001) quando observamos determinados contextos de sala de aula, vemos uma distância entre o que é esperado “expectativa” e a realidade. Não é preciso esperar por ações grandiosas, para começar a transformar a educação, muito pode ser feito com o que se tem, mas para isso é necessário o comprometimento das escolas e dos professores, na construção de um ensino que permita ao aluno não apenas identificar os elementos linguísticos no texto, mas refletir sobre seus usos e os diferentes efeitos de sentido que eles produzem.

Quanto ao livro didático, é necessário que estes passem a apresentar diferentes variedades linguísticas, principalmente aquelas com marcas de regionalidade, com exemplos diversificados, que representem a língua em sua efetividade, trazendo questões que levem o aluno a refletir sobre os fatores que propiciam a variação, e que permitam o entendimento dessas variedades, como tão corretas quanto às referentes a norma culta, havendo apenas diferenças entre elas, não inferioridade e superioridade.

No que diz respeito a abordagem das professoras entrevistadas quanto ao ensino de variação e gramática, bem como a relação delas com o livro didático, constata-se que, enquanto a primeira professora diz que o livro não contempla a variedade do aluno, abordando a variação linguística e gramática de forma muito superficial, a segunda professora já segue outra linha de pensamento, diz que o livro está adequado no tratamento que dá a variação e gramática, só acha que o livro falha quanto as questões, que não são de múltipla escola.

Ou seja, percebemos que, a primeira professora segue uma metodologia mais reflexiva, entendendo o livro como apenas um dos inúmeros materiais de consulta que ela pode utilizar, portanto, ela compreende que o professor tem que ir além de qualquer livro didático e que este precisa também ser um bom pesquisador; já a segunda professora fica presa a metodologias tradicionais, como prescrição de regras, atividades para preencher lacunas ou questões de múltipla escolha, nas quais, não há o exercício da criticidade e escrita do aluno, essa que é tão importante quanto a leitura, oralidade e reflexão linguística. A segunda professora, então, demonstra um certo desinteresse de ultrapassar as barreiras do livro didático e buscar novos conhecimentos.

Nesse contexto, entendemos que o livro didático deve funcionar como um mero instrumento de consulta, tanto para o professor quanto para o aluno, mas não pode e nem deve ser a única fonte de consulta de ambos, principalmente do professor, que tem por tarefa, a missão de incentivar e mediar os conhecimentos, logo é indispensável que este profissional busque estar em constante processo de aprendizagem, a fim de se manter informado e apto para perceber às particularidades dos alunos, desconstruir preconceitos e se utilizar de diferentes metodologias, que facilitem o processo de ensino-aprendizagem do aluno.

11. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irlandé. **Aula de português: encontro & interação**. 8. ed. São Paulo: Parábola, 2003.

ALENCAR, J. **Bênção paterna (Prefácio de *Sonhos d'ouro*)**. In: *Ficção completa e outros escritos*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1965. v.1.

_____. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz?** São Paulo: Edições Loyola. 48ª e 49ª edição, 2007.

_____. **Não é errado falar assim: em defesa do português brasileiro**. - São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BECHARA, Evanildo. **Ensino da gramática: Opressão? Liberdade?** São Paulo: Ática, 2002.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. - Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental, 1997.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. - Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental, 1998.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais. Língua Portuguesa**. - Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental, 2000.

CARDOSO et al. **Análise de conteúdo de uma entrevista semiestruturada**. 2011.

Disponível em <https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=http://mpel.earning.pbworks.com/f/MICO.pdf&ved=2ahUKEwjInKOxmJXnAhXj1FkKHdtDCQYQFjAAegQIAhAB&usg=AOvVaw3sgqKWZofy-Vm6XErb4jUA&cshid=1579626864250>.

CALLOU, D. **Variação e mudança no âmbito do consonantismo**. In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. (Ed.). *Panorama sociolinguístico do português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **A hora e a vez do português brasileiro**. 2017. Disponível em <http://museudalinguaportuguesa.org.br/wp-content/uploads/2017/09/A-hora-e-a-vez-do-portugues-brasileiro.pdf>.

_____. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

COSERIU, E. **Teoria da linguagem e linguística geral: cinco estudos**. Tradução Agostinho Dias Carneiro. Rio de Janeiro: Presença, 1980.

FARACO, C. A. **Norma-padrão brasileira: desembaraçando alguns nós**. In: BAGNO, M. (Org.). *Linguística da norma*. São Paulo: Loyola, 2002.

- IILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente**: a língua que estudamos e a língua que falamos. São Paulo: Contexto, 2007.
- MARCHETTI, Greta; SOARES, Jairo J. B; PAIVA, Andressa M. **Para viver juntos**: português, anos finais. - 4. Ed. - São Paulo. Edições SM, 2015.
- MINAYO, M. C & SANCHES, O. **Quantitativo-qualitativo**: oposição ou complementaridade? *Caderno de Saúde Pública* 9(3):239-262.
- MOTHA-ROTH, Désirrée; HENDGES, Graciela. **Produção textual na Universidade**. – São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- NEVES, M. H. M. **Que gramática estudar na escola?** - 4.ed. São Paulo: Contexto, 2019.
- ORMEZINDA, Maria Ribeiro. **Ensinar ou não a gramática na escola, eis a questão**. *Linguagem e ensino*, vol. 4, nº 1, 2001.
- ORMUNDO, Wilton; SINISCALCHI, Cristiane. **Se liga na língua**: literatura, produção de texto, linguagem. - 1. Ed. - São Paulo: Moderna, 2016.
- PERINI, Mario. A. **Sofrendo a gramática**: ensaios sobre a linguagem. 3ªed, São Paulo. Ed ática, 1997.
- POSSENTI, Sírio. **Porque (Não) ensinar gramática na escola?** Campinas, São Paulo: ALD: Mercado de Letras, 1996.
- SCHERRE, Marta. **Doa-se lindos filhotes de poodle**: variação linguística, mídia e preconceito. - São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e Interação**: uma proposta para o ensino de gramática. 10 ed. São Paulo. Cortez, 2005

12. APÊNDICES

QUESTIONÁRIO
<p>Dados de identificação:</p> <p>Formação:</p> <p>Local de Formação:</p> <p>Local de atuação:</p> <p>Tempo de atuação:</p>
<ol style="list-style-type: none">1) Quando pensamos em variação linguística, nós da área de linguagens, imediatamente pensamos nas diferentes formas e facetas que a língua apresenta, um falar mais regional, típica do sertanejo, do homem do interior, e para os centros urbanos um falar mais coloquial/descontraído ou mais formal, enfim; e falar de língua é falar de um povo e de sua cultura. Aqui no interior do Ceará nós tivemos um grande exemplo de um homem semianalfabeto que se tornou um poeta, hoje mundialmente conhecido por valorizar suas raízes, o falar sertanejo e fazer denúncias sociais: o patativa do Assaré. Então eu queria saber o que você pensa sobre essa questão de trazer exemplos como estes do Patativa para se trabalhar variação, e qual a sua proposta para trabalhar variação linguística?2) Você acha importante trazer essa figura do sertanejo, do homem simples e do campo para sala de aula, bem como essa discussão quanto os preconceitos linguísticos e sociais? Como você aborda o preconceito linguístico em sala de aula?3) Você acha que o livro didático contempla a variação linguística dos alunos com os quais você trabalha? Por exemplo, ele traz informações que valorizem o falar regional e conseqüentemente contribui para valorizar a identidade desses alunos?4) Com relação ao ensino de gramática, o que você acha sobre a proposta que o livro traz quanto a isso? E como você busca trabalhar a gramática em sala de aula?

13. ANEXOS



Figura 36. Livro Didático Ensino Fundamental



Figura 37. Livro Didático Ensino Médio

ENTREVISTAS

ENTREVISTA 1

Entrevistadora: Pronto! Então meu título é: a relação do livro didático e a prática do docente de Língua Portuguesa: uma reflexão acerca do ensino de gramática, variação e a questão do preconceito linguístico. Então, eu vou buscar verificar como que o livro didático, por exemplo, ele trabalha a gramática, como que ele trabalha a variação linguística, voltada pra essa questão dos PCNs, porque a gente sabe que o PCN ele norteia esse ensino né, mas às vezes o livro didático ele acaba fugindo né. Então eu vou procurar, é... verificar né como que tá esse ensino no livro didático, como que ele traz isso; e a prática do professor, por isso que eu tô buscando essa entrevista pra saber como que tú trabalha também, e aí eu queria só saber alguns dados... A tua formação é Letras né? Na Unilab?

Professora 1: Não! Eu estou fazendo Letras agora na Unilab, estou quase terminando. Falta esse semestre e mais dois semestres. Eu sou formada em BHU né, no BHU (Bacharelado em Humanidades) e sou mestre pela Unilab, no... ah, eu sempre esqueço,

sociobiodiversidade e tecnologias sustentáveis, só que meu projeto foi voltado para a área de História, então por mais que seja um mestrado em engenharia eu terminei como historiadora no final das contas. Certo? Aí estou fazendo agora... comecei fazer história na época, mas acabei não me identificando e acabei mudando pro curso de Letras, aí tô agora na caminhada, se Deus quiser eu termino até próximo ano. Se Deus quiser!

Entrevistadora: Hum, então tá próximo né?

Professora 1: É, Deus abençoe!

Entrevistadora: (risos) É... Pronto! Então a escola que tú atua... essa é a primeira escola que tu tá atuando?

Professora 1: É! Primeira vez!

Entrevistadora: Aí já faz muito tempo que tua tá atuando?

Professora 1: Eu comecei em fevereiro. E detalhe, eu comecei porque eu pensava em tentar o doutorado, mas antes eu queria conhecer o chão da escola pra ver como é. Eu nunca me identifiquei como professora. Nunca! Se você perguntasse pra mim em janeiro “você rái ser professora”? eu: nunca na vida! Mas depois que eu pisei aqui, ah... eu não me vejo fazendo outra coisa. Meu lance era pesquisa, hoje em dia assim, tudo que eu penso é voltado pro ensino, eu vivo assim, eu respiro pra pensar na questão de ensino.

Entrevistadora: Mas o que te fez mudar? Foi a própria prática?

Professora 1: A prática! A prática! Num tem como não mudar sua cabeça, por mais que a gente passe por muita dificuldade né? Porque é realmente, assim... Muito difícil, especialmente a realidade dessa escola. Acho que você a conhece né? Então assim, é muito difícil, a gente tem que enfrentar muita coisa e já chorei muito, já teve muito babado, mas foi o que me conquistou, entendeu? Quando você percebe assim, que aqueles meninos estão aprendendo, estão se transformando por causa de você, a vida é outra.

Entrevistadora: É... Essa primeira questão é um pouquinho grande, eu contextualizei. É... Quando pensamos em variação linguística nós da área de linguagens né imediatamente nós pensamos nas diferentes formas né da língua, de falar, é.. Então um falar mais regional, típica do sertanejo, do homem do interior, e uma linguagem mais coloquial, mais descontraída ou mais formal né pros centros urbanos, enfim. E falar de língua é falar de um povo né, de sua cultura, não tem como separar. Então aqui no interior do Ceará nós tivemos um grande exemplo né de um homem semianalfabeto

que se tornou um poeta, hoje mundialmente conhecido por valorizar suas raízes, o falar do sertanejo, e falar sobre denúncias sociais. Enfim, então é o Patativa do Assaré né, você deve conhecer! Então eu queria saber o que você pensa sobre essa questão de trazer exemplos como estes do patativa pra se trabalhar variação e se tú trabalha com esse tipo de proposta e como é o teu trabalho né com relação a variação linguística.

Professora 1: Pronto! Em relação a variação linguística, ele foi até um conteúdo né que eu abordei com os meninos do 6º ano, que eu dou aula de Língua Portuguesa só no 6º ano, uma turma em especifica. Então ele foi um conteúdo... que de vez em quando eu trago, porque como eu gosto de trabalhar com músicas, eu gosto de trazer essas músicas que trazem esse questionamento né? Teve até... teve até um debate que a gente tava usando quando eu tava passando artigo, aí a gente tava conversando, eu falando, é engraçado quando a gente usa “as menina”, a gente sabe que o “as” ele se refere ao plural, por mais que o menino esteja... aí eu dando esses exemplos os meninos vão contextualizando ainda mais aquele conteúdo que foi dado no primeiro semestre. Certo? Então, assim, eu costumo trabalhar tanto em relação a texto... assim, ainda bem que o livro de língua portuguesa que a gente usa tem alguns bons exemplos, e a partir de canções. Certo? E como eu tenho uma relação muito boa com os meninos... É como eu sempre digo pra eles né? Essa relação que eu tenho com eles me permite falar, até abordar o tema de forma mais informal né? Mais quando chega a... Mais é como eu digo, quando chega a coordenadora agora eu tenho que ir pra formalidade, quando chega uma pessoa de fora eu tenho que ficar de modo mais formal, então assim, eu sempre vou resgatando isso, principalmente por conta das músicas que eu trabalho por conta dos textos e os meninos, assim... conseguem entender bem essa relação da variação linguística, ainda bem. Até hoje quando a gente fala até mesmo no verbo, vou passar verbo a partir de amanhã, é... que amanhã é quarta feira, a partir de amanhã vou passar verbo e é algo que eu quero resgatar já do artigo que a gente pegou né? “A gente pegamo”, então já foi um dos exemplos que eu fiquei pensando pra trabalhar com eles. Então já é algo que eu vou trazendo desde o conteúdo, que eu vou tentando resgatar desde o conteúdo. Mas é tão natural que você nem percebe né? Aí só na hora dos exemplos que eu vou... vocês lembram daquilo lá e tudo mais, que foi até o caso do artigo e dos textos que a gente foi pegando ao longo da disciplina, ao longo do ano.

Entrevistadora 1: E assim... Tú falou da questão da música, mas é... O que que tú percebe que faz com que eles compreendam melhor tú utilizando esses exemplos sabe de música, por que a música né?

Professora 1: Olha, é porque assim, é... conhecendo a realidade dos meninos eu gosto de trazer também a música que eles gostam né, então quando você pega uma letra de Fank, não as pesadas, mas quando você pega a letra de Fank você já consegue perceber isso, e quando eu digo gente... mas isso aqui, vocês acham que como ele tá falando? Descontraído? Como é que vocês sentem essa relação dele com a pessoa com quem ele tá falando, de quem ele tá falando? Aí eles vão conseguindo identificar. Se eu coloco isso numa questão é muito mais difícil, numa questão de uma prova. Então eu tenho que assumir isso. Eles não conseguem identificar de cara, mas a partir do momento que eu vou dialogando eles conseguem pegar rápido. É até engraçado... eles não conseguem, assim numa prova eles vão ter mais dificuldade, vão dizer “Tia como é isso aqui”? Mas a partir do momento que a gente vai conversando eles vão dizendo “ah isso aqui é daquilo lá que a gente viu”, é “formal é informal”. É nesse sentido.

Entrevistadora: É... Você acha importante trazer essa figura do sertanejo ne, do homem simples, do campo para trabalhar na sala de aula, bem como essa discussão quanto os preconceitos tanto linguísticos, quanto sociais ne que vem muito associado? Então... tú acha importante trazer essa discussão?

Professora 1: Como eu sou apaixonada por Literatura cearense, Literatura regional, foi algo que eu tentei sempre resgatar certo? Eu já trabalhei... porque assim não dá... eu tentei já trambalhar com os meninos no livro, mas eles não conseguiram. Então eu comecei a trabalhar com pequenos trechos, eu já trabalhei com trechos da Raquel de Queiroz, o quinze, e trabalhei muito com o cordel. Certo? A gente trabalhou com três cordéis em sala de aula, senão me engano eles até tiveram que produzir um cordel também. Então assim como que eu sou apaixonada eu sou meio suspeita pra falar ne que eu vou trazendo isso, vou fazendo essa comparação, tem até outro exemplo que eu usei recentemente, só que não foi nessa turma foi na turma do 7º ano, Produção Textual, foi a saga de um vaqueiro, aí que eu já vou trazendo: como é que você vai pensar a história de um vaqueiro, o ambiente, tudo mais, porque eu gosto de trabalhar, eu sou suspeita, então (risos).

Entrevistada: Pronto! Então. Aí eu ia te perguntar justamente isso. Como que você traz essa discussão pra sala e como que você aborda... é, por exemplo se tú fala com

eles sobre preconceito, que existe preconceito contra forma linguística de falar né e os preconceitos sociais que vem associado, a classe... esse tipo de coisa né. Então se tú traz essa discussão e como que tú aborda isso com eles né.

Professora: Sim, quando algum menino fala, sei lá, tipo assim, é... a gente vamo mesmo, é um exemplo, a gente vamo, aí alguém tenta corrigir, eu “olhe o que a gente falou, isso aí é uma forma de cada um falar”. Quando a gente vai pra norma de língua portuguesa, realmente ele não vai ser aceitado em uma prova e tudo mais, mas é a forma dele falar, vamo reconhecer. Inclusive no cordel né a gente vê muito disso, então eles... tipo, eles num tiveram essa dificuldade de perceber que fazia parte do linguajar dele e pronto, entendeu? A gente brincou muito em relação até o... a forma como os estudantes estrangeiros falam né o 54português, aí eles ficam contando “ah o menino fala desse jeito, pegaram o termo rapariga né e (risos) e aí imagina como acaba (risos). É nesse sentido mesmo.

Entrevistadora: É... você acha que o livro didático né, indo pra essa questão já do livro didático, ele contempla a variação linguística dos alunos que você trabalha?

Professora: Não! De forma alguma, de forma alguma! Apesar dele apresentar muitos textos populares, que ele gosta muito de trabalhar nesse sentido, ele não... não ajuda, é tanto que eu tive que buscar material de apoio pra trabalhar, entendeu? Foi justamente aí que eu comecei a trabalhar com canção porque eu vi que dava certo, mas o livro didático ele não vai contemplando, é o tipo de coisa que você tem que desenrolar, porque o livro a gente vai acompanhando a partir do conteúdo né, o meu esquema é esse, a partir do conteúdo eu vou seguindo, mais como a gente não tem como ficar tirando cópia todo momento, é o tipo de coisa que eu tenho como um embasamento e ele não me proporciona isso, não... não consegui encontrar nele uma forma de abordar com os meninos a variação na época que eu trabalhei sobre o assunto.

Entrevistadora: É... então eu ia te perguntar justamente se ele traz alguns exemplos que vai valorizar esse falar regional e consequentemente contribuir para a valorização da identidade desses alunos né, pra tipo assim... eles não ficarem achando que eles falam errado né, mas que é a forma linguística né deles de falar mesmo, então o livro não traz essa contribuição?

Professora: Não! Ele senão me engano, porque eu vi rapidamente, eu não percebi isso certo? Mais tá aqui óh, ele tem sobre a variação, ele vai partindo mais pra questão de gíria, variedade social, eu achei muito artificial, justamente por isso, porque ele não faz

o aluno refletir, ele fala “olha existe esse tipo de variação, um surfista vai falar diferente de um dentista”, esse tipo de coisa, é o exemplo mais básico, as gírias entre um grupo sei lá, de meninos que andam de skate, esse tipo de coisa, mais ele em nenhum momento vai fazer o aluno refletir. Eu não percebo isso.

Entrevistadora: É com relação ao ensino de gramática né o que você acha sobre a proposta que o livro traz né, tipo assim, a... A concepção de gramática que o livro vai trazer né, se ele... já entrando nessa questão da reflexão, esse ensino de gramática ele faz o aluno refletir sobre os usos da gramática né, sobre os usos das regras ou ele foca muito nas regras né?

Professora: Ele foca mais nas regras e assim, é até... uma crítica, tive conversando com uma das professoras né, a forma como ele aborda não faz com que o aluno consiga entender logo, é tanto que quando eu passo uma questão aqui do livro os meninos ficam “Tia não tô entendendo, não tô entendendo”. Aí quando eu vou explicar com as minhas palavras eles conseguem compreender. Eu não vejo ele trazendo essa reflexão, de forma alguma e... em relação ao conteúdo, ele dá o básico do básico certo? Eu não gosto muito desse material, ele dá o básico do básico, então sempre que eu vou trabalhar, eu vou trabalhando, eu vou trazendo é... o material pra copiar em lousa porque isso daqui não acompanha, pra não dizer que eu não utilizo, eu trabalho algumas questões sim, é, mais o sentido de interpretação, realmente por conta do material de apoio né e pra seguir os tópicos dele, o gênero, tanto o gênero textual quanto a parte do ensino de gramática pra acompanhar o mesmo do livro, mas essas reflexões, a produção mesmo de texto dele é péssima né então não é o tipo de coisa que eu gosto não.

Entrevistadora: Bom... então pronto! E aí eu ia te perguntar justamente por exemplo, é... como que tu trabalha é... gramática né, por exemplo se tu for trabalhar é... sujeito, substantivo, como que tu faz né, como que tu faz pra fazer o aluno refletir sobre aquilo?

Professora: A partir das canções! Eu gosto de trabalhar canção, que é um texto mais curto, dá pra fazer cópia pra todo mundo e um pequeno texto, é como eu gosto de trabalhar. Eu peço pra eles entenderem... não é saber, é identificar aquele substantivo, que foi algo que a gente estudou, como o adjetivo também, também de que forma aquilo ali vai ajudar... e na hora da explicação eu gosto de trabalhar com frases mais curtas, é por conta que a gente tem que copiar na lousa. Mais na hora de trabalhar em atividade, em prova eu gosto de sempre trabalhar uma canção, e quando eu trabalho canção em

sala de aula eu gosto de aplicar na prova pra ver se eles realmente conseguiram refletir sobre aquela classe gramatical, é nesse sentido.

Entrevistadora: Hum, entendi! Tu se importa mais com a função daquilo daqui do que propriamente coma regra.

Professora: exatamente! A função, como é que ele vai aparecer ali, qual o sentido que ele vai dar aquele texto, é mais nesse aspecto que eu gosto de trabalhar.

Entrevistadora: Então, muito obrigado, né, era mais ou menos isso ne, pra eu entender de fato como tu trabalha né e aí eu queria que se tu puder ne me emprestar o livro, se a escola tiver um disponível, pra eu dar uma analisada ne?

Professora: Pronto! Eu posso falar com o menino, porque... como essa semana a gente já vai... tá chegando pra revisão, por mais que eu num vá trabalhar com texto eu gosto de pegar umas questões daqui. Certo? Mas eu posso pedir emprestado também. Qualquer coisa... e se tu quiser... inclusive amanhã vai ser um conteúdo que eu vou dar que é o verbo, aí eu vou começar a inserir verbo, uma introdução pra eles, se tu quiser até seria bom, acho que pra tu completar a tua pesquisa, se tiver interesse.

ENTREVISTA 2

Entrevistadora: Então, a minha pesquisa né é sobre a questão do livro didático, eu vou procurar analisar o livro didático, como ele trabalha a gramática, se ele trabalha a variação linguística, esse tipo de coisa e analisar a tua atuação, como tu atua sobre isso. Aí eu coloquei algumas perguntas. É... Quando nós pensamos na variação linguística, nós da área de linguagens, imediatamente nós pensamos nas diferentes formas de falar, mais regional, mais coloquial, mais formal, enfim e falar de língua é falar de um povo e de sua cultura, então aqui no interior do Ceará nós tivemos um grande exemplo de um homem semianalfabeto, que se tornou um grande poeta, mundialmente conhecido, que é o poeta Patativa do Assaré. É... E aí eu queria te perguntar né o que você acha sobre essa proposta né de trazer poetas como o patativa pra se trabalhar em sala de aula a variação linguística, e eu queria que tu me dissesse como é a tua forma, tipo assim, quando tu vai trabalhar a variação linguística.

Professora 2: Assim, a proposta, existe uma proposta na escola, existe um currículo, o que vai ser trabalhado no 1º ano, no 2º e no 3º. A variação linguística é um tema que é mais estudado no 1º ano né, no 2º ano que é a turma que eu estou, a gente vê num texto ou outro o que pode ser trabalhado mais não é tanto quanto no 1º ano, o que é a variação,

como é aplicada, autores, que é uma coisa bem mais é... Profunda. No livro de 2º ano, tirando alguns textos, ou alguma pergunta que fale numa figura de linguagem ou alguma coisa do tipo não é tão profundo quanto no 1º ano né e aí a gente fica um pouco preso a essa proposta que a gente tem que dar conta, essa proposta do 2º ano. Então a variação linguística fica mais pro 1º ano.

Entrevistadora: É... Assim, e quando tu foi trabalhar é... No caso a variação linguística no 1º ano, como que tu trabalhou a variação linguística?

Professora 2: Porque assim... A variação linguística, eu acho que tem um capítulo inteiro do livro falando sobre isso, aborda na questão da... da gramática em si porque na literatura a gente como é uma parte que a gente vai ver trovadorismo, classicismo, barroco, são classes literárias no início do século, aquelas que não estavam no Brasil, aquelas que veio mais de Portugal, então na literatura não é muito vista, mas na gramática tem questões, tem o texto, acho que até Patativa do Assaré é colocado, é então a gente trabalha mais na gramática, tem um capítulo, a gente trabalha questões, a gente trabalha no livro mais algum material que a gente possa trabalhar. Houve algumas vezes que a gente trabalhou a parte de... de literatura de cordel, né, a gente já fez exposição quando eu tava no 1º ano, em turmas de 1º ano a gente trabalhou bastante é... O cordel, a estrutura, autores que tem essa característica da variação né, essas pessoas principalmente que não estudaram que fazem esses repentes e tudo mais, a gente já trabalhou sim, fazendo momento só de cordel, de exposição, além do livro.

Entrevistadora: É... então tu acha importante trazer essa figura por exemplo, do sertanejo né, é... do homem do campo pra trabalhar em sala de aula?

Professora 2: eu acho que fica mais fácil pro aluno, porque assim... O aluno ele não tá acostumado a ver aquela... aquela linguagem formal né, ele tem muita dificuldade. Quando a gente pega o aluno que a gente tem palavras que ele não consegue entender na pergunta, porque ele não compreende aquele vocábulo né e eu acho que a variação ela ajuda a saber do conhecimento, do que eles costumam falar, as gírias, aquelas palavrinhas que eles tem mais costume de falar no dia a dia pra gente comparar a linguagem formal e informal. Eu acho isso bacana, eu acho que torna mais fácil pro aluno né, mas sem deixar de ver os dois lados né, é importante a gente ver essa questão da linguagem mais simples, mas é também importante a gente ver a linguagem mais formal, porque é isso que vai ser cobrado lá fora, então a gente tem que saber equilibrar, é importante uma parte, mas a outra também é. A gente não pode ver só um lado,

porque, até porque a gente vai ser cobrado, eles vão ser cobrado por essa questão da leitura mais formal, da linguagem mais formal, mas eu gosto de fazer essa comparação, eu acho que fica mais fácil pro aluno compreender.

Entrevistadora: E por exemplo quando tu trabalhou variação linguística, tu trabalhou com eles essa questão dos preconceitos sociais que recai sobre as pessoas que tem um linguajar mais regional né mais simples?

Professora 2: Assim, quando eu trabalhava com eles... eu gosto muito de trabalhar... de trazer exemplos mais perto, mais próximos, como a própria família né, como é a linguagem da sua avó, como é que a sua mãe fala né, quais são as... a forma de linguagem que você fala com seus amigos, quando você tá na escola, quando você vai pra algum ambiente que tipo de linguagem você trabalha, na prova, no livro, eu gosto de fazer esses... esses exemplos mais próximos e a gente.... Eu acho que pra eles fica mais fácil, porque a linguagem que ele usa em casa não é a mesma, que eles vão ver na prova, não é a mesma que eles vão usar com outras pessoas que tem né um nível de formalidade maior. Com os amigos eles falam de todo jeito né e com as outras pessoas eles vão ter que se adequar, eu gosto de trazer essas características pra tornar mais fácil.

Entrevistadora: É... tu acha que o livro didático ele contempla é... por exemplo, o do primeiro ano ele contempla essa variedade linguística dos alunos, é... tipo assim, se ele traz uma linguagem mais simples pro aluno entender?

Professora 2: Assim, tá com uns três anos que eu não pego o primeiro ano aí tá um pouco difícil, porque esse livro aqui ele é pra três anos, aí tá com três anos que eu não trabalho com ele né do primeiro ano. Eu não fiz parte da escolha do livro aí eu não posso te dizer, porque eu não trabalho, então eu não tenho contato muito próximo com ele. Do segundo ano né que é uma linguagem, a linguagem, ele tenta dosar né a parte mais formal, mas também tem uma linguagem mais simplificada que dá um certo acesso ao aluno. De primeiro ano eu não sei te falar, que o nosso era outro livro quando eu trabalhei no primeiro ano, é do William Cereja, da Saraiva, eu achava, ele era muito bom né, assim trazia textos belíssimos, textos assim bem próximos da linguagem dos alunos, agora esse daqui eu não sei te dizer assim com clareza, mas assim do segundo ano, mais ou menos, assim, tem mais não é tão acessível, não é que não seja acessível, dosa. Há um equilíbrio. Eu acredito que do primeiro ano também seja assim.

Entrevistadora: Com relação ao ensino de gramática ne o que que tu acha sobre a proposta que o livro traz, no caso do 2 que tu trabalha, como que ele aborda essa questão da gramática?

Professora 2: Especificamente esse livro?

Entrevistadora: Sim, esse livro!

Professora 2: Esse livro eu não fiz a escolha, assim, eu... ele, ele... eu gosto da gramática dele, mas às vezes ele é muito... assim pro nível que nós temos de aluno não são todas as questões que os alunos conseguem é... Ter propriedade ne, a gente faz mais uma seleção porque a gente não.... Eu acho que não seja nem tanto a questão do livro mas os próprios alunos né, nós temos alunos aqui que tem muita dificuldade então o livro se torna não tão acessível, por conta dessas dificuldades que o aluno traz, ao decorrer da vida escolar. É, tem alunos que conseguem direitinho ne, mas eu não vejo que seja um problema só do livro, mas da própria bagagem que o aluno traz. Tem alunos aqui com muita dificuldade, até mesmo de leitura, de compreensão ne, a escrita, a compreensão é muito difícil então o livro se torna um pouco difícil pra eles por conta disso, da bagagem que eles não tem e que deveriam ter, entoa é... é, um difícil. Mas particularmente na literatura eu não gosto muito assim, no sentido de não é que ele não tenha, ele tem mas é muito resumido. Ele não traz assim, um aprofundamento e se a gente quer algo mais profundo a gente tem que buscar outros recursos né, a gramática dele vem, traz algumas questões, mas não são as questões que a gente tá acostumado, múltipla escolha, não tem muita, é mais aquela de perguntas e respostas ne, aquela mais assim que a gente não tá tão acostumado com as provas, aquelas de múltipla escolha, então ele trabalha muito mais aquela direcionada, o que é isso, o que é aquilo, comparação... então ele peca um pouco nisso. Mas ele traz os assuntos, mas eu prefiro que ele fosse na literatura um pouco mais aprofundado.

Entrevistadora: Pois aí quando tu vai trabalhar a gramática, tu trabalha mais com o livro ou tu traz outras coisas?

Professora 2: Eu tento dosar né, tem o livro, a gramática ela é melhor do que a literatura, vem explicando melhor, trazendo exemplos, aí eu doso, por exemplo, quando eu vou começar um assunto, eu começo por ele né, a gente ver as páginas do assunto que tem, e numa outra oportunidade as questões não é no estilo que a gente está acostumado, de múltipla escolha, eu trago material xerocado, seleciono o assunto que tá aqui com as questões que eu encontro em outro lugar. Faço assim, mas o uso do livro

é importante, faço a introdução do assunto, como uma atividade de três, uma atividade de revisão, o material que eu monto né com algumas questões, um TD.

Entrevistadora: Então era isso.

Professora: Só isso? Então pronto.